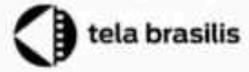




IMAGEMTEMPO



luhli
lucina
em

YOKRINATA



CLIPPING

(circuito 2016)

Trailer Oficial

<https://youtu.be/Yc-RDFzgDIk>

Facebook

<https://www.facebook.com/yorimatafilme>

Contato

Rafael Saar: 55 (21) 98296-0520

Email: rafaelsaar@gmail.com

www.lulielucina.com.br

DILÚVIO PRODUÇÕES

contato@diluvioproducoes.com

IMAGEM-TEMPO

info@imagemtempo.com

Publicidade:




0



34

0



'Yorimatã' abre 42ª edição do Festival Sesc Melhores Filmes

RAFAEL SOUSA MUNIZ DE ABREU
31 Março 2016 | 15:21

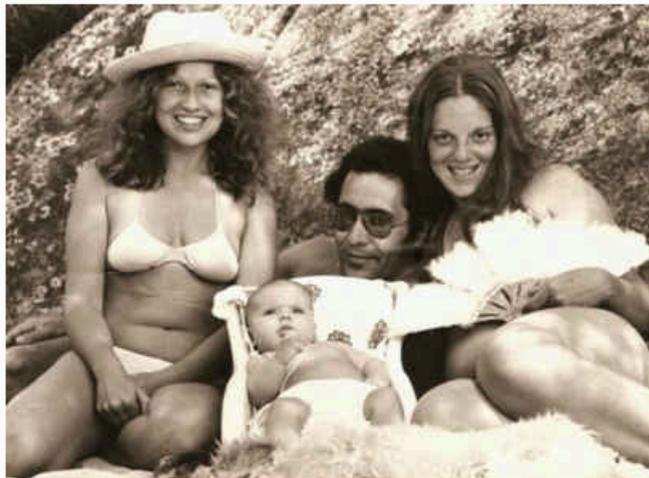


Foto: Divulgação.

O tradicional festival realizado pelo CineSesc começa sua 42ª edição na 4ª (6) com a exibição do documentário 'Yorimatã' (2014, foto), de Rafael Saar. A partir da data, o evento exibe filmes de destaque lançados em 2015, que são premiados pelo crítico e pelo público, até 20/4. Na programação, estão filmes como 'Winter Sleep' (2014) e 'Mad Max – Estrada da Fúria' (2015).

A seguir, confira a programação desta semana:

4ª (6):

20h30 – Yorimatã (2014), de Rafael Saar.

5ª (7):

14h30 – Nostalgia Da Luz (2010), de Patrício Guzman.

16h30 – Whiplash – Em Busca da Perfeição (2014), de Damien Chazelle.

21h – Perdido em Marte (3D) (2015), de Ridley Scott.

CineSesc. R. Augusta, 2075, Cerqueira César, metrô Consolação. R\$ 17/R\$ 20

0 COMENTÁRIO(S)

CLIQUE E DÊ A SUA OPINIÃO

POSTS MAIS LIDOS

Confira seleção com as melhores atrações para entreter...
23 de junho de 2016

Trinta festas juninas para aproveitar a temporada até julho
16 de junho de 2016

Um Bach divino
4 de maio de 2012

Centro novo
17 de novembro de 2011

Um Coffee Co é novo (e bom) pretexto para visitar o Bom...
23 de junho de 2016

Publicidade:



RECOMENDADAS

'Lado A, Lado B' fala de Brexit, Bolsa Família e saída do Messi da seleção



Veja os 10 motivos para sentir saudade do Orkut. Depoimentos é um deles



Saiba como fazer panquecas perfeitas, macias e com sabor equilibrado



Confira a cobertura completa da edição 2016 da Flip, direto de Paraty



OPINIÃO

MAIS LIDAS

ÚLTIMAS

Publicidade:



Viagem para os anos 1970

Filme "Yorimatã", de Rafael Saar, documentário biográfico sobre a vida das cantoras e compositoras Lulhi e Lucina, está em cartaz no Cine Praia Grande; obra retrata artistas pioneiras da música brasileira independente



Em cartaz no Cine Praia Grande e Centro Histórico, o filme "Yorimatã", primeiro longa-metragem do diretor Rafael Saar, que faz uma viagem cultural aos anos 1970, vem encantando platéias nos cinemas brasileiros. Exibido também em São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói, Aracaju e Belo Horizonte, o documentário, eleito o melhor filme pelo júri e pelo público no Festival In-Edit Brasil, ano passado, retrata a história das cantoras e compositoras Lulhi e Lucina, pioneiras no cenário da música independente no Brasil. A obra se passa em meio ao movimento hippie-daquela época.

Documentário retrata a busca pela liberdade das artistas

Movimento hippie serve como contexto da história

Lulhi e Lucina vivenciam uma radical experimentação musical, dizendo não às gravadoras e mergulhando na criação artística e em uma história de amor e liberdade, junto ao fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca, que registra sua trajetória artística e a vida dos três em família em filmes Super 8. Estas e outras imagens da dupla são das atuais, junto dos depoimentos de intérpretes e parceiros, como Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Zélia Duncan e Tetê Espíndola, resultam em um filme sobre duas singulares personalidades da MPB, mas também sobre a liberdade e a busca das nuances musicais brasileiras.

As imagens preciosas e inéditas de arquivo, com depoimentos de parceiros, intérpretes e agentes críticos da vida atual de Lulhi e Lucina, "Yorimatã" devolve à dupla o seu lugar de direito como parte fundamental da história da música brasileira. Descrito pelo crítico Carlos Alberto Mattos como "um resumo manifesto anticonservadorismo", "Yorimatã" foi também um dos 10 filmes mais votados pelo público na Mostra Internacional de Cinema SI em 2014.

O documentário é uma coprodução Imagem+Tempo, Ufólio, Te-

la Brasília e Canal Brasil, com patrocínio da Ruffine, reunindo imagens atuais com cenas, shows e depoimentos das artistas, além de registros e depoimentos de seus encontros musicais com Ney Matogrosso, Joyce Moreno, Gilberto Gil, Tetê Espíndola, Alzira Espíndola, Zélia Duncan, Antonio Adolfo, Luiz Carlos Sá, entre outros. E mais: um vasto material de arquivo recuperado para o projeto, que inclui filmes raras em super 8mm como shows e momentos familiares.

Músicas

Com mais de 800 músicas compostas em parceria, quem mais gravou a dupla foi Ney Matogrosso. Todos os discos de Ney possuem ao menos uma música de Lulhi e Lucina. É delas "Falar", "Bato-

dolêiri", "Cocação Aprimorado", "Eta Nôis", "Buge", "Me Rô", "Fez de Rô" e "O Vira", entre tantos outros sucessos de Ney Matogrosso. Foram também gravados pelas Frenéticas, Nana Caymmi, Tetê e Alzira Espíndola, Joyce, Rolando Boldrin e Wanderléa.

Em entrevista a O Estado, Lulhi afirmou que se trata de um filme inteligente, sensível, que funciona como uma injeção de ânimo nos brasileiros que experimentam um momento crucial da vida política e econômica do país. "Há depoimentos verdadeiros e as pessoas que assistem ficam maravilhadas e tomam uma lição de ânimo. O filme estapela as nossas histórias pessoais, mas sem que ebbe um resumo daquela época", disse.

Lulhi mora em uma área de montanhas no Rio de Janeiro e, por opção, vive distante dos centros urbanos. "Atuo na comunidade e faço um trabalho que me motiva. Não preciso de muita coisa para ser feliz. Nos anos 1970, descobri a vida rural e agora estou vivendo isso de novo", contou.

Além da contribuição artística, as duas têm uma história muito interessante. Elas tiveram um casamento a três com o fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca, ao lado de quem viveram a experiência de uma vida em comunidade durante 15 anos, até a morte dele.

Formado em cinema pela UFPA, Saar dirigiu quatro curtas-metragens, com destaque para "Depois de tudo", com Ney Matogrosso e Nildo Parente. O filme recebeu mais de 10 prêmios em festivais no Brasil e no exterior. ■

Serviço

O que filme "Yorimatã" Onde: Cine Praia Grande (Praia Grande) Sábado | 16h Domingo e quart

PRÊMIOS

Melhor Filme - Júri Oficial - 7º Festival Internacional do Documentário Musical, In-Edit Brasil 2015

Melhor Filme - Voto do Público - 7º Festival Internacional do Documentário Musical, In-Edit Brasil 2015

Menção Honrosa de Melhor Direção - Festival Mix Brasil 2015

Prêmio de Pesquisa - Pirenópolis.Doc 2015

Prêmio Delart - CineMúsica 2015

Principais Festivais

Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade, 2015

Barcelona In-EditBeefater Festival, 2015, Espanha

In-Edit - Festival Internacional do Documentário Musical, 2015, Brasil

Pirenópolis.Doc, 2015, Brasil

Festival MIMO, 2015, Brasil

Festival Internacional de Nuevo Cine Latinoamericano de La Habana, 2014, Cuba

Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, 2014, Brasil

Semana dos Realizadores, 2014, Brasil



CULTURA

Compartilhar

20

+

Tweetar

CINEMA E MÚSICA

Documentário sobre a dupla Luhli e Lucina estreia nesta quinta

'Yorimatã', de Rafael Saar, resgata a intensa história das cantoras: da profunda conexão com a natureza às duras batalhas contra a indústria fonográfica e contra o moralismo

por Xandra Stefanel, especial para RBA | publicado 06/04/2016 13:46, última modificação 06/04/2016 15:32

LUIZ FERNANDO BORGES DA FONSECA/DIVULGAÇÃO

"Yorimatã é uma palavra mágica (...) Quer dizer 'salve a criança da mata'. Era o nome de uma música nossa, depois virou o título de um show, o subtítulo do nosso segundo LP independente e se tornou mais do que isso. É uma palavra de abre-alas, de abre-caminhos: 'Yorimatã! E tudo dá certo! É um talismã", explica Luhli na abertura do documentário dirigido por Rafael Saar, que estreia nos cinemas amanhã (7).

O filme *Yorimatã* conta a fascinante história da dupla Luhli e Lucina, cantoras, compositoras e multi-instrumentistas que fizeram mais de 800 composições e traduziram a liberdade para a linguagem musical. São elas as autoras dos clássicos *O Vira*, eternizado pelo grupo Secos e Molhados, e *Bandoleiro e Fala*, canções que ficaram famosas na voz de Ney Matogrosso, que participa do documentário. Além dele, dão depoimentos sobre a dupla Gilberto Gil, Joyce Moreno, Tetê Espindola, Alzira Espindola, Zélia Duncan, Antonio Adolfo e Luiz Carlos Sá, da dupla Sá e Guarabyra.



'Yorimatã' conta uma história cheia de magia e coragem de duas talentosas mulheres muito à frente de seu tempo



Mais do que resgatar a enorme importância e o pioneirismo de Luhli e Lucina para a Música Popular Brasileira, *Yorimatã* mostra como a dupla desafiou regras sociais e do mercado fonográfico nas décadas 1970 e 1980. Além de serem consideradas as primeiras mulheres a tocar percussão e de terem rompido com gravadoras em nome da liberdade artística, as duas viveram intensa e longamente uma história de amor a três com o fotógrafo e cineasta Luiz Fernando Borges da Fonseca.

"A gente teve quase três anos de amizade mesmo. A gente viajava, a gente curtiu muito. Um belo dia, o Luiz deu uma declaração: 'Tudo bem, eu já conversei com a Luhli'", relembra Lucina no filme. "Então, em vez de eu perder ele e ela, eu abri. E ele passou a ter em mim uma confidente. Isso criou uma nova dimensão de cumplicidade entre nós, que varreu as brigas, e a relação se reciclou. Ela salvou o nosso casamento (...) Nós éramos, mais que tudo, três pessoas juntas. Por acaso era um homem e duas mulheres. A energia circulava para todos os lados. E, desde o começo, sempre houve uma quarta pessoa, que era a própria música, que tomava um tempo enorme, uma dedicação enorme", declara Luhli.

Ney Matogrosso afirma no longa-metragem que não é possível dissociar a música de Luhli e Lucina do modo de viver do trio: "Nunca consigo ver vocês apenas como artistas. Eu vejo a existência de vocês naquele contexto de vocês duas e do Fernando. E eu vi que houve uma reação de muita gente a vocês. Porque vocês eram uma coisa que talvez fosse idealizada por muita gente, mas que ninguém realizava. Vocês realizaram às claras. Eu sei que o fato de vocês terem realizado tudo às claras afastou muita gente, mesmo assim, vocês exiladas, disseram 'Não tem impotência, nós estamos exiladas mas estamos com a verdade'. Enfrentaram as famílias, a hipocrisia organizada da sociedade, que é [assim] até hoje. E eu pensei: 'Não estou sozinho neste mundo'", confessa o cantor.

Gilberto Gil, por sua vez, valoriza a diversidade musical da dupla, que teve forte influência dos batuques da umbanda: "Na coisa de vocês, a gente percebe as raízes brasileiras todas, as urbanas e as interioranas. O Brasil todo é perpassado por essa coisa negra... Todo mundo logo cedo batucou alguma coisa, trocou as pernas, sacudiu os pés", diz.



Yorimatã faz um passeio sonoro pela música, pela vivência hippie de amor livre e desapego material, pela intensa conexão com a natureza e seus mistérios, pela inspiração vinda da umbanda, passando pela construção dos próprios instrumentos musicais e pelo preconceito que a dupla sofreu por causa do relacionamento a três.

Rafael Saar usa em seu filme imagens de arquivo (muitas delas registradas por Luiz Fernando) e atuais para contar uma história cheia de magia e de coragem de duas talentosas mulheres muito à frente de seu tempo. Uma história emocionante de duas artistas que viveram intensamente a busca pela liberdade e cuja obra tem valor fundamental para a cultura brasileira.



Yorimatã

Direção e argumento: Rafael Saar

Produção: Daniela Santos, Eduardo Ades, Eduardo Cantarino e Rafael Saar

Pesquisa: Adil Lepri e Rafael Saar

Produção executiva: Daniela Santos e Eduardo Ades

Direção de produção: Eduardo Cantarino

Direção de fotografia e câmera: Lucas Barbi

Som direto: Eduardo Silva

Desenho sonoro: Thiago Sobral

Mixagem: Jesse Marmo

Animações: Daniel Sake

Montagem: Rafael Saar

Montador-assistente: Leandro Calixto

Gênero: documentário

Duração: 117 minutos

Classificação: 10 anos

País: Brasil

registrado em: [MPB](#) [música nacional](#) [hippie](#) [amor livre](#)



vertentes do cinema

uma nova opinião sobre a 7ª arte

principal

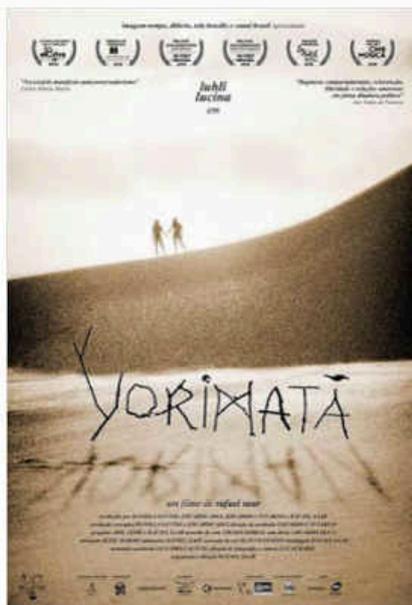
filmes

especiais

clipping

sobre

Crítica: Yorimatã



Por Fabricio Duque

"Yorimatã", assistido na Semana dos Realizadores de 2014, apresenta-se muito mais como uma investida-apassionada do estreante diretor Rafael Saar que um mero exemplo de experimentação cinematográfica, principalmente por abordar vida, obra, existência, passado e presente da dupla musical Luhli e Lucina (compositoras, cantoras, percussionistas, violonistas e violeiras) e também pelo minucioso trabalho das imagens de arquivo (em Super 8). Aqui, a narrativa de gênero biográfico (com videoclipes completos) aprofunda sem medos e ou pudores uma época de "ouro" criativo da música

popular brasileira, com suas referências, interferências, conduções, limitações, censuras, drogas, amor-sexo livre (o "escândalo era o amor") na comunidade "hippie" (como "as crianças que sumiam três/quatro dias e voltavam em bando com outras - "sem autoridade burra") e um elevado nível de união solidária. Este filme é catártico, sinestésico, intimista, nostálgico, contemplativo, desafiador, datado, de apresentação em transe (pela conexão incondicional à natureza - na floresta) e acima de tudo, um documento (antigo) antropológico de se preservar a história e perpetuar a lembrança-memória, tudo pela presença da câmera livre, respeitosa e com atmosfera caseira. Aqui, conta-se (narração descritiva-coloquial-cúmplice-espontânea - "fiquei felizinha") sobre a família, começo (a "garagem musical"), desenvolvimento (as primeiras músicas no rádio), conflitos, dificuldades, sucessos e reviravoltas pela estética classicista do modelo entrevista e contagem dos "causos", da "música, a maior companhia", e da liberdade sem tabus, sem "definir nada", "só de ser". Elas surgiram no VII Festival

Pesquisar



Curtir Página

Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.



VERTENTES NA RADIO:OUÇA



Traduza o Vertentes!

Selecione o idioma

Powered by Google Tradutor

NOSSO INSTAGRAM



Internacional da Canção, em 1972, na Rede Globo, com a música "Flor lilás" - arranjos de Zé Rodrix. Com mais de 800 músicas compostas em parceria, quem mais gravou a dupla foi Ney Matogrosso (amigo de longa data e que também integra o "elenco" deste filme), além das Frenéticas, Nana Caymmi, Tetê e Alzira Espíndolla, Joyce, Rolando Boldrim e Wanderléa. Nos anos 70, Luli e Lucina foram morar em um sítio em Mangaratiba - litoral do Rio. Lá viveram o sonho da vida comunitária, e ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca criaram um estilo novo e límpido de qualidade literária única, mesclando "todas" as "raízes brasileiras", debruçando-se sobre o fazer manual dos instrumentos africanos, sobra a tradição da umbanda, sons de taças e "energia vertical". "Todo músico é meio mágico, porque mexe com coisas invisíveis", diz-se. É um filme família, integrando espiritismo, espiritualidade e "dinâmica do caboclo". "Regras existem para serem quebradas graciosamente", poetiza-se com tambor e plateia com sensação de banho de cachoeira, entre a "nata ancestral da música" (Beth Carvalho, Elis Regina, Nara Leão - grupo manifestando "samba de protesto"). "Eram músicas que falavam no feminino em 1968, por exemplo, Meu Homem", lembra a cantora Joyce. O documentário passa pela história musical, fílmica e política do Brasil. A câmera, como espectador, observa e interage. "Era uma alquimia", diz-se por imagens animadas e (ecto) plasmáticas, por tempo "imperceptível" de "coisas etéreas", de microcosmos existencial, por passagens com música ibero-ciganas. A nostalgia é vívida, como uma máquina do tempo de "emoção sincera" por rememorar sonhos que "azedaram", retorno ao "sítio" e seu "cotidiano criativo" ("Nos impregnamos de nós mesmos"; "Cruzar os braços também é política" - nesta é quase impossível não referenciar a "Ensaio Sobre a Lucidez", de José Saramago; e "Nós temos música para todo mundo"). Uma experimentação transcendental de estilos, parcerias, épocas, a "força de uma verdade". O diretor disse que o que o estimulou a realizar o documentário foi a "potência delas" ("a vida é feita de escolhas"). Sim, Luli e Lucina souberam aproveitar cada momento de suas existências. Sim, "Yorimatã" é o resultado desta "viagem" ultra mega interessante pelo universo político e cultural brasileiro. Talvez o único "impedindo" deste longa-metragem seja sua duração e sua repetição temática, ou talvez não, se olharmos por um outro ponto de vista, a da admiração máxima de seu diretor, avistaremos a liberdade plena, livre, de dar "asas" às inúmeras histórias bem à moda do livro "Mil e Uma Noites". A dupla acabou em 1998. Luli, em carreira solo, com seu show "O Ney e eu", tendo o repertório de suas composições. Lucina lançou em 2009 o álbum "+ do que parece", que traz parcerias parte de quase uma centena de composições inéditas com Zélia Duncan. Recomendado.

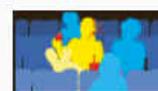
Postado por FABRICIO DUQUE  [Recomende isto no Google](#)

[Postagem mais recente](#)

[Página inicial](#)

[Postagem mais antiga](#)

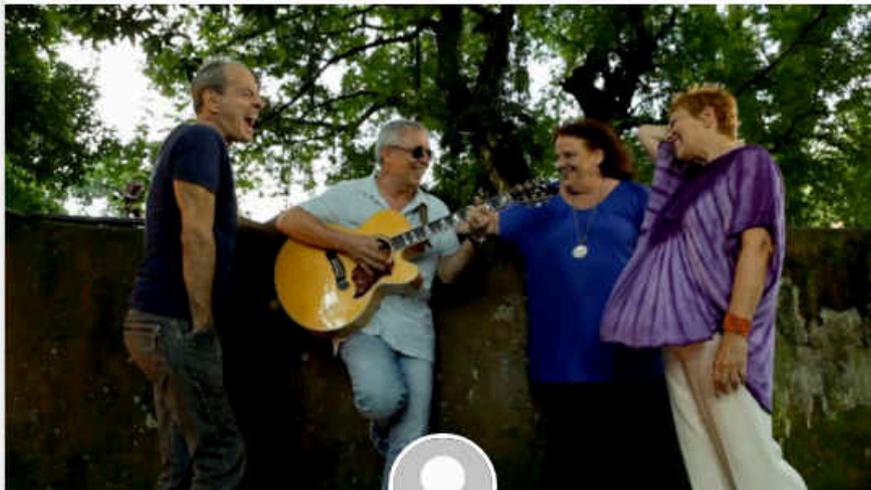
E-mail



CRÍTICAS · ESTREIAS

Yorimatã: Amor musical

06/04/2016 · Comentar



por [Suzana Uchoa Itibere](#)

Documentários recentes têm tido o mérito de iluminar personalidades marcantes da cultura nacional, até então relegadas ao baú do esquecimento. *Eu Sou Carlos Imperial* e *Glauco do Brasil*, lançados este ano, por exemplo, deram dimensão aos feitos de Imperial no cenário musical e audiovisual, e às pinturas de Glauco no universo da pop art mundial.

Cantoras, compositoras e instrumentistas, Luhli e Lucina produziram durante 25 anos e compuseram 800 músicas, interpretadas por nomes como Ney Matogrosso, Nana Caymmi e Tetê Espíndola. Esse expressivo legado artístico já validaria a produção do documentário *Yorimatã*, mas se a alquimia musical da dupla explodia no palco, ao violão ou no batuque furioso dos tambores, a afinidade pessoal era ainda mais profunda.

O diretor estreante Rafael Saar conta aqui a história de um amor fora dos padrões e revolucionário, mesmo para os libertários anos 70. Em meio ao movimento hippie, Luhli e Lucina assumiram a relação a três com o fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca, que rendeu filhos e perdurou até a morte dele. A abordagem desse controverso modelo familiar é feita com sensibilidade através de valiosas cenas caseiras da época e do cotidiano atual de Luhli e Lucina.

Digite sua busca aqui...



Publicidade



Publicidade



Siga-no no Facebook



Voce e outros 15 amigos curtiram isso



ESPECIAIS MEGA POSTER





Embora seja o vértice do triângulo amoroso, o fotógrafo é coadjuvante nesse painel e aparece pouco. Saar se debruça sobre as duas forças na natureza em lento compasso. A princípio, passeia entre o presente e o passado de cada uma e desvenda personalidades singulares. Só então promove o encontro de almas, que ocorreu de forma casual, mas que gerou preciosos frutos sentimentais e artísticos.

A esse enfoque íntimo e pessoal, o diretor adiciona os tradicionais depoimentos de parceiros e intérpretes, especialmente Ney Matogrosso, que entre muitas canções da dupla gravou "Bandoleiro", "O Vira" e "Fala". Eleito o melhor filme pelo júri e pelo público no Festival In-Edit Brasil em 2015, *Yorimatã* estreia nesta quinta, 7, em São Paulo, Rio de Janeiro e Niterói. Em seguida, entrará em cinemas de todo o Brasil.



Cotação: ***1/2



EDIÇÃO NAS BANCAS | ASSINE!



TODAS AS SEÇÕES

- BILHETERIAS
- CRÍTICAS
- DIRETO DA REDAÇÃO
- DVD, BLU-RAY ...
- EDIÇÕES ANTERIORES
- ENTREVISTAS
- ESPECIAIS
- ESTREIAS
- FESTIVAIS
- MÓSTRAS
- NOTÍCIAS



AGENDA

OSCAR 2016

CINEMA

FESTIVAIS

TELEVISÃO

LISTAS

TVTELA

QUEM SOMOS



CINEMA BRASILEIRO - CRÍTICA

'Yorimatã' resgata trajetória de coragem, amor e música

DIEGO OLIVARES - ABRIL 6, 2016

0 4 2.8K 2

Rafael Saar fazia pesquisa para o documentário *Olho Nu*, de Joel Pizzini, sobre Ney Matogrosso, quando começou a prestar atenção nos nomes que assinavam algumas das composições mais famosas do repertório do cantor. A dupla Luhli e Lucina estava por trás de sucessos como 'Bandoleiro', da fase solo de Ney, 'O Vira' e 'Fala', estas presentes no disco de estreia dos Secos & Molhados (1973).

Saar foi então atrás das mulheres, que poucos conheciam e pareciam envoltas em um ar de mistério. Quando finalmente conheceu-as, ficou tão encantado que resolveu fazer seu primeiro longa metragem, para contar esta rica trajetória.



Personal geek for
your Mac

[DOWNLOAD NOW](#)


Assim surgiu *Yorimatã*, documentário que chega agora ao circuito comercial de cinema após passagens importantes por festivais como a Mostra de São Paulo, em 2014, onde foi eleito um dos preferidos do público, e o In-Edit de 2015, em que levou os troféus de melhor filme pelo júri oficial e pelo público.

Nada mal para uma produção independente, que estreia nas salas graças a uma campanha de financiamento coletivo. Acaba sendo um passo fiel à carreira de Luhli e Lucina, elas próprias pioneiras em gravar e lançar seus trabalhos por conta própria, uma vez que fugiam das gravadoras interessadas em rotulá-las em categorias que acabariam por reduzir sua força. Como contam no filme, chegaram a receber uma proposta para ficarem no catálogo infantil.

[PESQUISAR](#)

ESTREIAS DA SEMANA - 30/6

[A Morte de J.P. Cuenca](#)
[Estive em Lisboa e Lembrei de Você](#)
[Incompreendida](#)
[Nós ou Nada em Paris](#)
[Porta dos Fundos - Contrato Vitalício](#)
[Procurando Dory](#)

Compartilhe



ÚLTIMAS



Elas queriam liberdade de qualquer convenção. Mergulharam nos batuques do candomblé e da umbanda, se isolaram do mundo num sítio numa pequena cidade do litoral carioca, viveram por anos numa relação a três, completada por Luiz Fernando Borges da Fonseca, com quem formaram uma harmoniosa família. Transformaram tudo isso em música.

O documentário é um resgate e também uma grande homenagem. Com olhar de admirador, Rafael Saar parece ter uma missão clara com seu documentário: mostrar para mais gente a beleza desta história. Esta narrativa de exaltação é sustentada por muitas imagens de arquivo pessoal, registros de shows e ótimas fotos tiradas por Fonseca, parceiro de vida das duas.

O time de participantes em cena é reforçado com as aparições de Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Tetê Espíndola e Zélia Duncan, sempre em tom de conversas intimistas, e não como depoimento formal.

Sem levantar bandeiras ou assumir uma postura excessivamente discursiva, Luhli e Lucina são personagens que vêm bem a calhar neste momento em que tanto se fala sobre diversidade. À sua maneira, levaram a vida que as fez feliz, livre de julgamentos e patrulha ostensiva. Pena que para isso tiveram que viver muitos anos em um exílio voluntário, se retirando de uma sociedade que tem dificuldade para lidar com o diferente.



Porta dos Fundos - Contrato Vitalício

Procurando Dory

Compartilhe



ÚLTIMAS



MARCHÉ DU FILM
FESTIVAL DE CANNES



MAIS LIDAS

SEMANA

MÊS

TODOS OS TEMPOS



O Oscar, enfim, escutou: diversidade importa



PUBLICIDADE

NOTÍCIAS / [MERCADO](#) / EXIBIÇÃO

24 MARÇO 2016 | NATALÍ ALENCAR

“YORIMATÃ” ABRE FESTIVAL SESC MELHORES FILMES

Festival começa em 6 de abril

COMPARTILHAR



"Yorimatã" estreia em todo o Brasil em 7 de abril (Foto: Divulgação)

O primeiro longa-metragem dirigido por Rafael Saar, [Yorimatã](#) será exibido na sessão de abertura da 42ª edição do Festival Sesc Melhores Filmes, no CineSesc (SP), às 20h30 em 06 de abril. Oficialmente, o longa estreia em 07 de abril em todo o Brasil.

Em 6 de abril, o CineSesc realiza a premiação dos escolhidos pela crítica e pelo público como os melhores longas de 2015 nas categorias de melhor filme [\[Leia a matéria completa..\]](#)

COMPARTILHAR



E
Revista Exibidor
8.256 curtidas

ASSINE JÁ. APENAS R\$ 15,90/mês

Curtir Página
 Fale conosco

Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

PUBLICIDADE

+ RANKINGS

MARKET SHARE BR

BRASIL

EUA

1. PROCURANDO DORY

“YORIMATÃ” SERÁ O FILME DE ABERTURA DO FESTIVAL SESC MELHORES FILMES

Festivais e Eventos Notícias Slideshow Últimas Notícias — 22 março 2016



Em 6 de abril, o CineSesc realiza a premiação dos escolhidos pela crítica e pelo público como os melhores longas de 2015 nas categorias de melhor filme, direção, fotografia, roteiro, atriz, ator e documentário para filmes brasileiros e melhor filme, direção, ator e atriz para os filmes estrangeiros. Esta cerimônia marca a abertura do Festival Sesc Melhores Filmes, que traz, de volta ao cinema, de 7 a 27 de abril, as produções mais votadas. Após a entrega dos prêmios, será exibido o filme *Yorimatã*, primeiro longa-metragem dirigido por Rafael Saar.

Eleito o Melhor Filme pelo júri e pelo público no Festival In-Edit Brasil 2015, o filme retoma a história de duas artistas de obra e vida incomum que marcaram o cenário musical brasileiro nas décadas de 70 e 80. Luhli e Lucina não foram apenas uma dupla musical, formaram juntas também uma família ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca. O filme estreia no dia 7 de abril em salas de exibição e cinemas de todo o Brasil.

Ao mesclar preciosas e inéditas imagens de arquivo, com depoimentos de parceiros, intérpretes e registros cotidianos da vida atual de Luhli e Lucina, *Yorimatã* devolve à dupla o seu lugar de direito como parte fundamental da História da música brasileira, e entre seus intérpretes estão artistas como Nana Caymmi, Tetê Espíndola, Zélia Duncan, Secos e Molhados, e especialmente Ney Matogrosso, que entre muitas outras canções da dupla gravou “Bandoleiro”, “O Vira” e “Fala”.

Descrito pelo crítico Carlos Alberto Mattos como “um necessário manifesto anticonservadorismo”, *Yorimatã* foi também um dos 10 filmes mais votados pelo público na Mostra Internacional de Cinema SP, em 2014. O documentário é uma coprodução Imagem-Tempo, Dilúvio, Tela Brasília e Canal Brasil, com patrocínio da Riofilme, reunindo filmagens atuais com cenas, shows e depoimentos das artistas Luhli e Lucina; registros e depoimentos de seus encontros musicais com Ney Matogrosso, Joyce Moreno, Gilberto Gil, Tetê Espíndola, Alzira Espíndola, Zélia Duncan, Antonio Adolfo, Luiz Carlos Sá, dentre outros; junto a um vasto material de arquivo recuperado para o projeto, que inclui filmes raros em Super 8mm como shows e momentos familiares, registrados pelo companheiro Luiz Fernando Borges da Fonseca.



ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Curta Brasília abre inscrições

O Festival Curta Brasília chega a sua 5ª edição em 2016 e traz, além da mostra...

ANCINE coloca em consulta pública minuta sobre acessibilidade visual e auditiva

Encontra-se em Consulta Pública, até o dia 1º de agosto, a minuta de uma nova Instrução Normativa que dispõe...

Vilania no cinema brasileiro é tema de mostra

As diversas manifestações do mal estão expostas em mais de 30 filmes de diferentes épocas da...

ABPITV aprova novo estatuto e amplia Conselho Federal com maior representação regional no período 2016/ 2019

Em Assembleia Geral Ordinária e Extraordinária, que aconteceu nesta terça-feira, 28, na sede da Associação Brasileira...

Abertas inscrições para os Encontros com o Cinema Brasileiro com IDFA

Estão abertas a partir desta segunda, até as 23h59 do dia 10 de julho, as inscrições...

Mais notícias

24 AGO - 4 SET 2016

Trajatória artística e vida pessoal de compositoras esquecidas é registrada em "Yorimatã"

Redação TelaBr - 18.03.2016

[Curtir](#) 0 [Tweetar](#) [G+](#)



Yorimatã, primeiro longa-metragem do diretor Rafael Saar, é um documentário que deveria ser assistido por todo brasileiro que goste de música nacional e de boas histórias. O filme retrata a vida e trajetória de Luhlí e Lucina, responsáveis por mais de 800 canções que variam entre os generos folk, rock hippie, bossa nova, música caipira, samba, pontos de umbanda, cantos indígenas.

No auge do movimento hippie dos anos 1970, as artistas viveram uma experimentação musical radical e tomaram-se pioneiras no cenário da música independente brasileira. Luhlí e Lucina não aceitaram que as gravadoras fizessem parte de sua obra. O primeiro disco da dupla, que leva os seus próprios nomes, e de 1979 e é considerado por muitos como uma preciosidade da cultura brasileira que não foi conhecida pelo grande público. Depois de Antonio Adolfo e Danilo Caymmi, foram as primeiras mulheres a produzirem e distribuírem seu próprio LP. Muitas de suas canções eram interpretadas por homens. Situação essa também vivida por outras cantoras. Em uma conversa registrada pelas cameras do documentário da artista com a artista Joyce, ela chega a contar de uma situação que viveu na época em que estava iniciando carreira: "Essas músicas são boas demais para ser de mulher".

Posteriormente lançaram o trabalho *Yorimatã – Amor de Mulher*, de 1981, que foi realizado por meio de uma campanha que foi batizada de Canção entre amigos, quando os interessados e admiradores compravam antecipadamente os LPs e, dessa maneira, ajudavam a custear a produção da obra. Também fazem parte de suas carreiras *Porque sim porque não*, que as leva para uma turne na Europa, *Elis e Elas*, de releituras em homenagem a Elis Regina; e um disco comemorativo de 25 anos de carreira.

Além disso, o filme mostra uma vida pessoal abertamente libertária, não se encaixando em padrões estabelecidos pela sociedade. "Sempre houve uma quarta pessoa, que era a própria música". Essa e uma das grandes frases ditas por elas durante o documentário. A dupla teve um relacionamento de amor e liberdade ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca, que registra sua trajetória artística e a vida dos três em família em filmes Super 8. Viveram no campo, onde ali compunham e produziam artes.

Para registrar a história das artistas, Rafael Saar usou de imagens de arquivo raras, relatos de parceiros, familiares, amigos e intérpretes como Gilberto Gil, Zelia Duncan, Tete Espíndola e Ney Matogrosso. Este último gravou *Bandoleiro*, *O Vira e Fala*.

Entre varios premios, *Yorimatã* foi um dos 10 filmes mais votados pelo público na Mostra Internacional de Cinema SP, em 2014, e eleito o melhor filme do 7º Festival Internacional do Documentário Musical, In-Edit Brasil 2015. No dia 06 de abril a obra será exibida depois da cerimônia de abertura do 42º Festival Sesc Melhores Filmes. No dia seguinte, será lançado em salas de cinemas de São Paulo(SP), Niterói(RJ), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte(MG), Porto Alegre (RS), Curitiba(PR), Goiânia (GO), São Luís (MA), Palmas (TO), Aracaju (SE), Salvador (BA). Essas exibições poderão ser realizadas por meio de uma campanha de financiamento coletivo que foi criada para a produção das cópias do documentário, sua distribuição, criação de materiais gráficos. As recompensas permitem que os colaboradores tenham acesso a conteúdos exclusivos, ingressos, convites para a pre-estreia, CDs da dupla, cartazes autografados, participação em um videoclipe, tambores artesanais feitos especialmente por Luhlí e uma oficina de musicalização – "Ritmos Construtores", com Lucina. Ao todo, foram arrecadados R\$ 17 mil. Abaixo, você confere uma conversa que tivemos com o diretor Rafael Saar.

Como você conheceu o trabalho delas?

Muita gente conhece a obra de Luhlí & Lucina através de outros intérpretes como Nana Caymmi, Tete Espíndola, Zelia Duncan e especialmente Ney Matogrosso. E foi através do Ney, fazendo a pesquisa para o longa-metragem *Olho Nu* (dir. Joel Pizzini) que conheci as duas. Via em cada disco de Ney uma música delas e logo as procuramos para o filme do Pizzini, filmamos com as duas e não demorou para que eu ficasse envolvido e decidíssemos juntos fazer um filme. A primeira pergunta era justamente por que eu e grande parte do público não as conhecia.

Como surgiu a ideia de fazer esse documentário?

Esse primeiro contato pessoal com Luhlí e Lucina foi também uma aproximação com a obra atual de cada uma. Em seguida, Lucina me trouxe alguns rolos super 8mm que tinha guardados, filmados pelo Luiz Fernando Borges da Fonseca, companheiro delas. Projetamos e ficamos emocionados com a beleza das imagens e pensamos que aquilo deveria ser mostrado. Foi quando eu comecei a conhecer a história pessoal da dupla, mergulhei na pesquisa e em filmagens pontuais até que formatássemos a ideia, a equipe e o filme acontecesse de fato.

Pinte e borde.
Cores, objetos, móveis - escolha aquilo que se adequa a cada personagem no exercício de direção de arte.
Conheça outros exercícios de cinema gratuitos!

RSS
Clique aqui, e assine nosso feed!

Siga
Curta a nossa página no facebook.

Colunas

Os caminhos do cinema das estradas à In...
À Beira do Caminho: estrada, um lugar d...
Nasce um clássico: Febre do Rato
Três quartos de segundo
O terno de um milhão de dólares

Facebook | Twitter

Portal Tela Brasil
11.438 curtidas

[Curtir Página](#) [Cadastre-se](#)

60 amigos curtiram isso

Agenda

Festivais | Editais | Oficinas | Palestras

Participe do Festival Internacional de C...
15ª MONSTRA recebe inscrições até 16...
Inscrições abertas para a 16ª Mostra ...
Inscreva-se no I Animece – Mostra de ...

Como foi o processo de produção e filmagem? Qual o período das gravações?

O processo de pesquisa e as primeiras filmagens foram em 2009. Ainda sem uma equipe fixa, eu fazia imagens de shows e entrevistas de Luhlí em Lumiar (distrito de Nova Friburgo-RJ) e de Lucina no Rio de Janeiro. Em 2012 fomos contemplados no edital Riofilme/Canal Brasil e daí em diante pudemos filmar o roteiro que eu havia desenvolvido. Este roteiro era dividido em encontros musicais com artistas como Ney Matogrosso, Joyce, Luiz Carlos Sa, Gilberto Gil, Tete Espíndola, Alzira E; e cenas em Mangaratiba, na casa onde viviam em comunidade; em Lumiar, São Paulo e Curitiba. O filme estreou na Mostra de São Paulo em Outubro de 2014, então foram 6 anos de um trabalho intenso.

Quais foram os maiores desafios de se realizar esse documentário?

Um dos maiores desafios foi conseguir fazer um filme que trouxesse um equilíbrio entre a obra musical e a história pessoal de Luhlí e Lucina, e valorizasse em igual medida as duas personagens. Além disso, tratamos de uma dupla que não existe mais e que a princípio não teria grandes registros audiovisuais de qualidade e de momentos importantes em sua trajetória. A partir disso, fizemos uma campanha na internet em que recebemos bastante material independente, filmes, vídeos, fotos e áudios e ao final da pesquisa conseguimos reunir um acervo enorme e inédito da dupla que compõe ao lado das imagens do Luiz Fernando esses registros históricos de *Yorimatã*. Fazer um documentário como este já me parece um desafio em si. O mercado e as políticas audiovisuais tentam estrangular o documentário e os filmes de risco. Estamos em um contexto social em que temos muito a aprender com a história e a obra de Luhlí e Lucina, suas convicções e escolhas artísticas e pessoais sem concessões. Tratamos de temas que precisam ser debatidos e revistos como o feminino, o conceito de família, a independência artísticas e a liberdade sexual e religiosa.

Tem alguma curiosidade, algum fato inusitado que aconteceu ou que você descobriu durante as gravações?

As maiores descobertas durante as filmagens vinham da própria obra de Luhlí e Lucina. Elas tem um acervo de mais de 1000 canções e a cada momento apareciam ou com uma nova música, ou alguma antiga lembrada. Eu e a equipe ficávamos em extase com esse impulso criativo das duas e cada música vinha com uma história incrível que podia mudar os rumos do filme a partir dali. Isto também trouxe uma dificuldade na montagem, de escolher e deixar de fora tanto material bonito.

Fale um pouco como foi o processo do financiamento coletivo

É a primeira vez que distribuo um filme comercialmente e a luta por espaço nesse mercado parece ter sido mais complicada que o financiamento para produção, que não foi fácil. As distribuidoras, mesmo as independentes, não se interessaram por um filme documentário com este perfil, com tantos temas tabus, e a saída que encontramos foi parecida com a que a dupla encontrou de forma pioneira para seus discos nos anos 80. Ouvimos o argumento de que elas eram "desconhecidas", e há uma relação equivocada entre arte e fama, num momento de vários documentários musicais de artistas famosos, *Yorimatã* não parece ser o que o mercado espera. Fizemos o financiamento coletivo para que pudessemos ter o mínimo para fazer as cópias, materiais gráficos e cobrir todos os gastos na distribuição que será feita pela própria produção do filme, e a partir do dia 07 de Abril ele estreia em circuito.

Quais são as expectativas com o filme daqui para frente?

Estamos com a exibição garantida em circuito em algumas capitais e esperamos que ele possa ser visto em mais cidades. Também estaremos em alguns festivais durante o ano e fazendo sessões especiais em cineclubes, universidades e aceitamos propostas de exibição. O filme traz inspiração criativa e libertaria necessárias no momento político vergonhoso e retrógrado que estamos atravessando.

Você está com algum projeto em andamento atualmente? Alguma previsão de trabalhos que pode adiantar?

Estou ainda em produção com o documentário sobre a cantora Baby do Brasil, chamado *Apopcalipse segundo Baby*. Ainda não conseguimos financiamento, mas o projeto segue firme e estamos com um material riquíssimo. Terminei de filmar e estou montando um longa-metragem híbrido, *Peixe* com o artista Luís Capucho e espero terminá-lo até o fim do ano. É um filme diferente dos meus outros trabalhos e tem no elenco brilhante, além do próprio Luís, Teuda Bara, Mery Alentejo e Maurício Lima, que me ajudaram a construir o universo da obra de Capucho.

Textos Relacionados

Festival de documentários musicais
In-Edit Brasil 2014
recebe inscrições



Cinema e cachaça



- Login
- Assine a Folha
- Atendimento
- Versão Impressa

FOLHA DE S.PAULO

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

DOMINGO, 3 DE JULHO DE 2016 23:26

PUBLICIDADE
FOLHA DIGITAL POR APENAS R\$ 1,90 NO PRIMEIRO MÊS. ASSINE JÁ.



- Seções
- Opinião
- Política
- Mundo
- Economia
- Cotidiano
- Esporte
- Cultura
- F5
- Sobre Tudo
- 19°C SAO PAULO

Últimas notícias Quatro ficam feri

Buscar



ilustrada

- grade de tv
- livros
- cinema
- artes cênicas
- televisão
- artes plásticas
- música
- moda

Documentário resgata história de compositoras esquecidas; veja trailer



DE SÃO PAULO

05/02/2016 12h59

- Compartilhar
- 3,4 mil
- OUVIR O TEXTO
- Mais opções

A história da música brasileira ganha novo capítulo no cinema em "Yorimatã", documentário vencedor do prêmio de júri e público no festival In-Edit Brasil 2015. O longa, primeiro do diretor Rafael Saar, resgata a trajetória incomum de Luhli e Lucina, dupla de compositoras pioneiras das décadas de 70 e 80.

Suas mais de 800 canções compõem o repertório de artistas como Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Zélia Duncan e Tetê Espíndola. Versáteis, seu trabalho mescla gêneros como a bossa nova, o samba, música caipira, folk, rock com pegada hippie, pontos de umbanda e até mesmo cantos indígenas.

Junte 5 SELOS + 10x no cartão de 29,99 = Smartphone de 5"

leia também

Maurice White, cofundador da banda Earth, Wind & Fire, morre aos 74

CRÍTICA: Não existe novidade sobre o Holocausto em 'O Filho de Saul'

ANÁLISE: 'Os Dez Mandamentos' no cinema vale mais do que 'mil missas'



SHAKESPEARE E CERVANTES
Mortes dos escritores completam 400 anos em 2016; veja especial

blogs

Baixo Manhattan
Astro do musical "Hamilton" grava Ary Barroso em novo CD

Outro Canal
Impeachment traz recorde de audiência para TV paga

Sem Legenda
Person e Rosa de Moura farão 'comédia feminista'

siga a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

Digite seu email

enviar

DIGA NÃO À CONCORRÊNCIA DESLEAL.

Para a utilização de textos, imagens e vídeos da Folha, consulte a Folhapress, a agência de notícias do Grupo Folha.

11 3224-3123
pesquisa@folhapress.com.br



A Lei - Por que a Esquerda Não Funciona?

Livro faz defesa do liberalismo

De R\$ 29,90
Por R\$ 22,90



Reprodução

As compositoras Luhlí e Lucina, cuja trajetória é resgatada no documentário "Yorimatã"

Em seu primeiro disco, "Luli & Lucinha" (1979), a dupla rompeu com a tradição de mulheres intérpretes de grandes compositores. A recusa em ceder aos padrões também levou as compositoras a recusar as grandes gravadoras, preferindo trilhar o caminho da música independente ao distribuir seus próprios álbuns. "Yorimatã", seu segundo disco, foi custeado por uma campanha de financiamento coletivo.

Parceiras em vida e obra, Luhlí e Lucina vivem um relacionamento a três com o fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca, que registra a vida em família em filmes Super 8. Elas dizem que o arranjo ainda tem um quarto integrante fundamental: a música.

Junto com imagens de arquivo e depoimentos de personalidades como Gilberto Gil e Zélia Duncan, esses registros ajudam o diretor Rafael Saar na tarefa de redescobrir essas personagens pitorescas da música brasileira. O longa tem estreia prevista para 31 de março. ★★

[f](#) Compartilhar
 [t](#)
[g+](#)
[in](#)
[✉](#)
 < 3,4 mil [OUVIR O TEXTO](#)
[+](#) Mais opções

temas relacionados

- cinema
- música
- mpb

[f](#)
[t](#)
[g+](#)
[in](#)
[p](#)

[t](#)
[r](#)
[v](#)

PDF R\$ 22,90

Comprar

PUBLICIDADE

BNDES
 O banco nacional do desenvolvimento
 MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO

folhashop



Forno Elétrico Forno...

à vista
R\$ 199,00

Magazine Luiza



Livraria da Folha

 Uma seleção com os melhores da Feira Literária e promoções para os amantes dos livros!

envie sua notícia

[Fotos](#)
[Vídeos](#)
[Relatos](#)

EM ILUSTRADA

+ LIDAS	+ COMENTADAS	+ ENVIADAS	ÚLTIMAS
1	Poeta sírio critica direitos humanos e é vaiado e xingado de 'babaca'		
2	Morre o artista Ivaldo Granato, um dos pioneiros da performance no Brasil		
3	Presos da operação Boca Livre são soltos em SP		
4	Última mesa da Flip termina com ato contra Temer		
5	Fátima Bernardes diz tentar traduzir notícias para o brasileiro comum		

nas redes sociais

a folha nas redes

PUBLICIDADE

CONCURSO
POLÍCIA FEDERAL
AGENTE E ESCRIVÃO
REMUNERAÇÃO R\$ 9.160
SAIBA MAIS
 CONHEÇA TAMBÉM NOSSOS CURSOS ON-LINE



QUADRO POR QUADRO



Para procurar, digite o texto e aperte enter

Siga-nos



QpQ Resenha | Yorimatã

"Yorimatã" é uma ode à atmosfera setentista além de uma excelente opção para os amantes de MPB

Publicado em 7 de abril de 2016 por Roger Batista em Resenhas // 0 comentários



Yorimatã, documentário experimental que chega hoje aos cinemas, primeiro longa de Rafael Saar, remonta a história de Luhli e Lucina, duas das grandes artistas da década de 70 e 80, que não apenas pela sua obra mas pela sua vida dão, de maneira ímpar, uma importante contribuição para o cenário musical brasileiro.

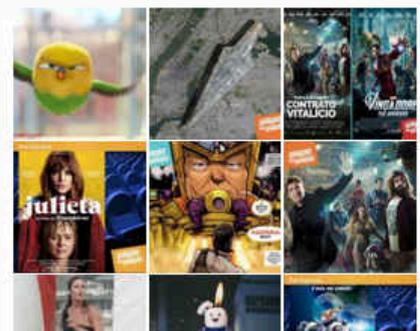


Estreias



QpQ no Instagram

 @quadroporquadro
quadro, por quadro.



O filme nos passa a sensação de sermos transportados e por vezes – principalmente pelos vídeos e relatos da época – nos convida a vivenciar a vida de ambas as artistas. Elas formam uma família ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca. Ele registrou a vida deles em filmes 8mm, daí a riqueza de detalhes do longa documental.

O longa está repleto de relatos sobre as descobertas musicais da dupla, além de contar com imagens exclusivas do começo da carreira das artistas, bem como depoimentos de importantes personalidades da música como Ney Matogrosso e Gilberto Gil. Tais depoimentos exponenciais, cheios de elogios, colaboram para mostrar a importância das personagens centrais na música brasileira.



Yorimatã além de ser um importante relato sobre amor, paixão pela música e natureza, é um grande manifesto contra a normatividade, conseguindo intercalar as personas privada e pública destas duas mulheres, mostrando como sua ideologia não militante pode se transformar em um ato político. Fora isso, o filme ainda tem traços muito fortes da religiosidade afro-brasileira.



O documentário, como um grito que saúda a criança da mata tem muito dessa atmosfera setentista e uma ligação muito forte com a natureza. E a musicalidade que provém desse encontro entre sensibilidade, amor e energia que vem da terra. Excelente opção para os amantes de MPB.

Nota:



Veja mais...

Siga-nos

QpQ no Twitter

Tweets por @quadroporquadro

 **Quadro por Quadro**
@quadroporquadro

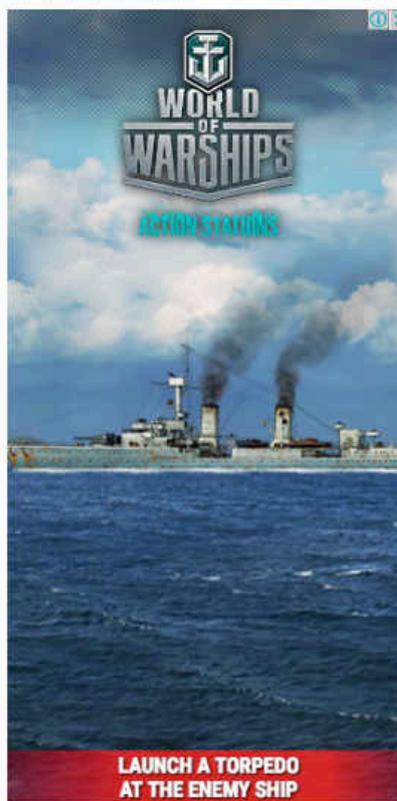
Ja imaginou o tamanho de um Star Destroyer de Star Wars? Pois olha essa comparação com Manhattan... Eu nao queria... fb.me/4UCyn7Mn5



 **Quadro por Quadro**
@quadroporquadro

Incorporar

Ver no Twitter



rioshow

Buscar no Rio Show

CINEMA

GASTRONOMIA

TEATRO E DANÇA

MÚSICA

NOITE

IN

Yorimatã

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 116 minutos

Classificação: Não recomendado para menores de 10 anos

Diretor: Rafael Saar

País de Produção: Brasil (2015)

✉ Envie por email

🖨 Imprimir

f Share

🐦 Tweet



Vídeos

Fotogaleria

Sinopse

A história da dupla de cantoras e compositoras Luhlí e Lucina, duas artistas de obra e vida incomum que marcaram o cenário musical brasileiro nas décadas de 1970 e 1980. Luhlí e Lucina não formam apenas uma dupla musical, formaram juntas também uma família ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca.

Em VÍDEOS, veja trailer do filme.

Críticas Profissionais

ruy gardnier

o globo | 03:46h | 06.abr.2016



Retrato melódico de um tempo de utopia

A trajetória existencial/musical da dupla Luli (hoje Luhlí) e Lucina (outrora Lucinha) dá muito pano para manga: elas foram pioneiras das gravadoras independentes no Brasil, fizeram parte da utopia hippie comunitária dos anos 1970, montando sítio em Mangaratiba, e viveram conjugalmente com o fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca. Tamanha liberdade diante da moral vigente à época também se revela na música, do canto altamente melódico às...

+ ver todas as críticas



BLOGDOC

O MELHOR DO DOCUMENTÁRIO

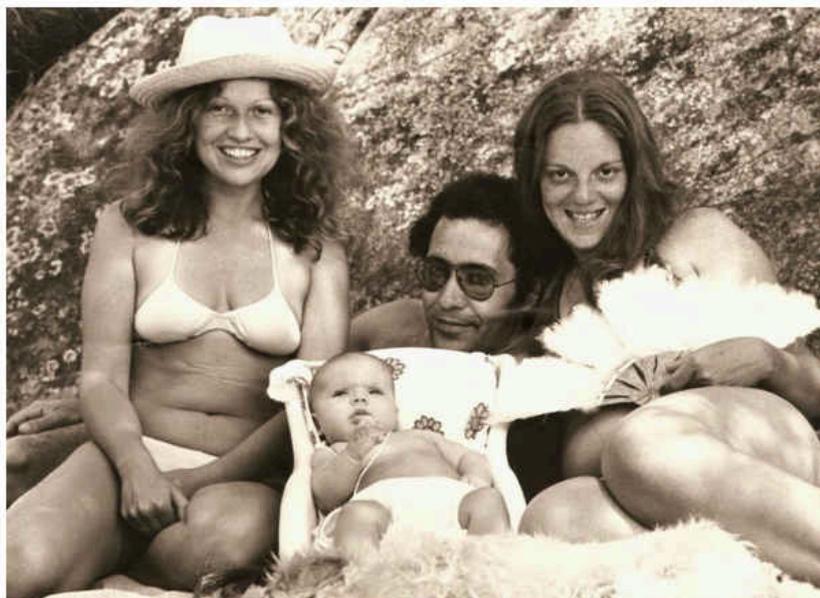


Publicado em 04/04/2016 às 19h57

Yorimatã – Documentário de Rafael Saar

Recomendar 243 Tweetar G+ 2

Tags: doc musical, estreia 2016, Lucina, Luhlí, Luli e Lucina, Yorimatã 2 Comentários



Lucina (esq.) e Luli com Luiz Fernando Borges da Fonseca em imagem resgatada no documentário *Yorimatã*, de Rafael Saar (Foto: Divulgação)

Um capítulo importante da história musical brasileira chega aos cinemas nesta quinta (7) com a estreia de *Yorimatã*, documentário de Rafael Saar. O filme retoma a história de

Perfil

BlogDoc é um espaço para quem curte documentários e acha que a realidade também é um filme de cinema – para rir, chorar ou refletir.

LEIA MAIS

f t i R Recomendar Seguir G+

Publicidade

Categorias

Cinema
Cursos, palestras e treinamentos
DVD
Editais e incentivos
Mostras e festivais
TV

Luli e Lucina, dupla marcante no panorama da MPB, em especial nos anos 70 e 80. Com sua música de forte tom percussivo e influência afro, misturada a uma levada indie e temática hippie, a dupla fez muito sucesso nos circuitos independentes e alternativos. Se nunca sucumbiu ao padrão "Globo de Ouro", ainda assim influenciou muita gente – e suas músicas chegaram a públicos diversos por meio das gravações de outros intérpretes, como Ney Matogrosso, Joyce e Tetê Espíndola.

Primeiro longa-metragem de Rafael Saar, *Yorimatã* foi eleito melhor documentário pelo júri oficial e pelo público no Festival In-Edit Brasil em 2015. Com muitas cenas de arquivo, misturadas a imagens recentes, Saar dedica boa parte do documentário a exibir as músicas da dupla. A isso mescla uma espécie de narrativa cronológica da carreira delas. E embala tudo com muita memória afetiva daquela época.

Amor livre, contato com a natureza, vida simples em comunidade, viagens de ácido, descompromisso com as regras e busca da criatividade eram alguns dos componentes do estilo de vida de então. E Luli e Lucina viveram tudo isso com intensidade. As duas não formaram apenas uma dupla musical, mas também constituíram uma família a três, ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca, já falecido.

Dos rolos de super-8 surgem imagens do trio, e em seguida também de seus filhos, todos vivendo juntos de pé no chão em um sítio no Estado do Rio de Janeiro. Passadas mais de três décadas, em depoimentos atuais os filhos relembram com afeto daquele período, no qual tinham duas mães e nenhuma caretice.

O mundo está cada vez mais conservador – sem dúvida. E intransigente também, para todos os lados que se olhe. Ao mostrar uma música "diferente" (do padrão comercial médio) e um estilo de vida "diferente" (do tradicional papai-mamãe), *Yorimatã* dá um chacoalhão na plateia e pergunta: por que não? Por que não outros sons? Por que não outros costumes? Por que não mais tolerância e menos rótulos?

Qualquer semelhança com o momento político atual é mera coincidência. Ou não.



Yorimatã

Brasil, 2014. 117 minutos.

BUSCAR

Últimos Posts

Últimos Comentários

A Morte de J.P. Cuenca – Documentário de João Paulo Cuenca

Mistura atípica de ficção e documentário, *A Morte de J.P. Cuenca* parte de uma premissa real. Em 2011, o escritor João Paulo Cuenca recebeu a..... [Continue lendo](#)

Paratodos – Documentário de Marcelo Mesquita

Se no futebol as coisas não andam nada bem para o Brasil nos últimos tempos, nos esportes paralímpicos somos uma potência mundial. Nos Jogos Paralímpicos..... [Continue lendo](#)

Premiado em Cannes, Cinema Novo, de Eryk Rocha, chega aos cinemas brasileiros em novembro

Cinema Novo, documentário de Eryk Rocha, teve sua data de estreia no circuito comercial brasileiro confirmada para novembro de 2016. O filme se notabilizou por..... [Continue lendo](#)

Twitter

16/06 | 22h00
BLOGDOC documentário: Começa hoje em São Paulo a 9ª edição do Entretodos - Festival de Curtas de Direitos Humanos. As exibições vão até... <https://t.co/a...>

11/06 | 12h00
BLOGDOC documentário: <https://t.co/YNmHxi3jCn>

08/06 | 21h42
BLOGDOC documentário: Confira o calendário dos principais festivais e mostras de cinema no Brasil em 2016. <https://t.co/8b9M0V1rCv>

24/05 | 20h05
BLOGDOC documentário: A pintura de Gerhard Richter – Documentário de Corinna Belz <https://t.co/oQRwrvX8zu>

BlogDoc - documentari...



Rádio Unisinos FM

5 de abril · 🌐

👍 Curtir Página

Alta Fidelidade! No ar! Cinema, literatura, quadrinhos, series e muita música! Tudo isso nas tardes da unisinos.fm!

Hoje, vamos conversar com o diretor Rafael Saar sobre o documentario **Yorimata!** No Caiu na Rede, Filipe Rossau traz informações dos assuntos mais comentados nas redes sociais. E no Hi-Fi 70, os quarenta anos do disco "Jailbreak", do Thin Lizzy! Faça seu pedido de som nos comentarios!

Apresentação: Rodrigo de Oliveira

Produção: Laura Pavessi e Marcella Lorandi

👍 Curtir

💬 Comentar

➦ Compartilhar





Cinema

Sesc Melhores Filmes exhibe longas que se destacaram em 2015

MAIOR MENOR URL CURTA ERRAMOS?

LUIZA WOLF
DE SÃO PAULO

01/04/2016 02h00

A partir de quarta (6), o 42º Sesc Melhores Filmes exhibe 47 longas de 2015, escolhidos como os melhores pelo público e pela crítica. Veja a programação da semana e os filmes avaliados como "ótimos" pelos críticos da **Folha** que integram o festival.

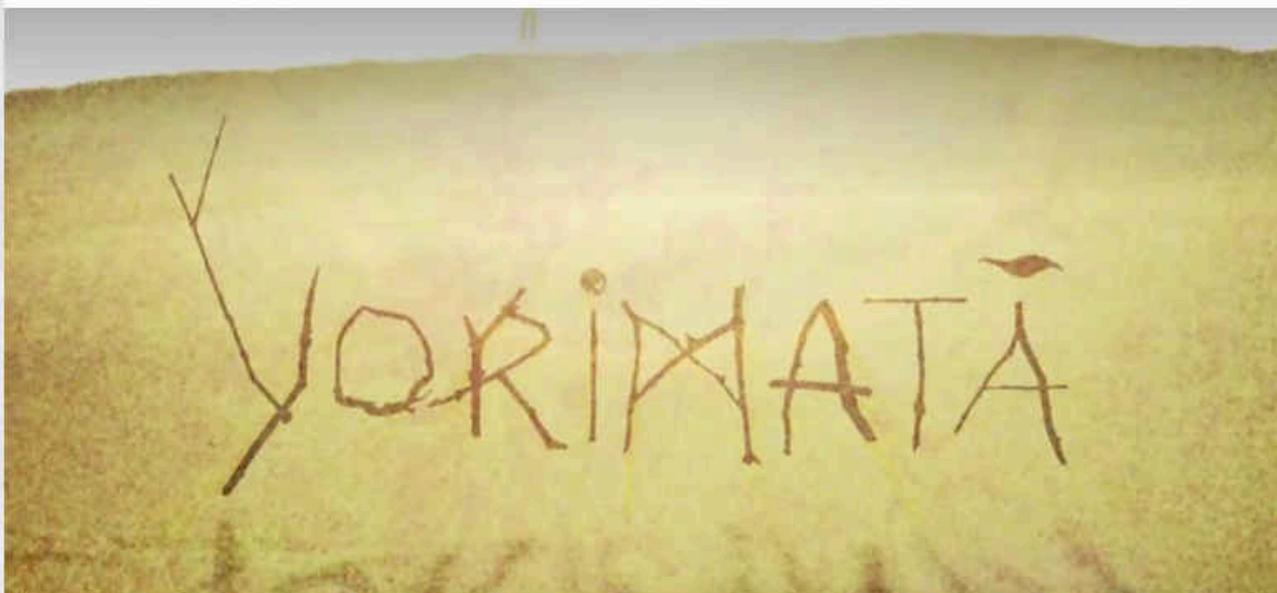
CineSesc - r. Augusta, 2.075, Cerqueira César, tel. 3087-0500. Ingr.: R\$ 3,50 a R\$ 12. De quarta (6) até 27/4.

Yorimatã

O documentário, eleito a melhor obra do Festival In-Edit Brasil em 2015, abre o evento com sessão gratuita (retire o ingresso com 1h de antecedência) na quarta (6). Em meio ao movimento hippie dos anos 1970, o longa mostra o cotidiano criativo de uma comunidade brasileira e de um relacionamento a três envolvendo um casal de músicos e um fotógrafo. Na quinta (7), o filme estreia em circuito nacional.

Qua. (6): 20h30. Qui. (7), sáb. (9) e dom. (10): 16h30. Sex. (8), seg. (11) e qua. (13): 14h. Ter. (12): 21h.





Início - Cinema - Crítica | Yorimatã

Cinema Crítica

Crítica | Yorimatã

Por Felipe Guerra Conte - 31 março, 2016

Compartilhar no Facebook

Tweet no Twitter



"FAZER MÁGICA É MEXER COM O INVISÍVEL, LOGO TODO MÚSICO É UM POUCO MÁGICO"

Sou músico fazem dez anos e nesse tempo passei por várias turbulências, quase desisti algumas vezes, fiz amizades, desfiz amizades, fiz parcerias, desfiz parcerias, caí, levantei e na falta de um caminho criei o meu próprio e é exatamente sobre isso que fala o filme "YORIMATÃ" dirigido por **Rafael Saar**.

Exibido no dia 28/03, na Cabine de Imprensa do **CINESESC** (cinema muito confortável e organizado diga-se de passagem), o longa fala sobre duas cantoras e musicistas que até hoje têm um respeito ímpar sobre sua obra nos anos 70, durante o movimento *hippie* e que mesmo não tendo feito um sucesso estrondoso no Brasil tem o respeito de muitos músicos famosos como Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Tetê Espindola, Almir Sater e por aí vai... Tendo inclusive composto músicas de sucesso para alguns desses citados e tendo citação de cada um deles a respeito das duas "Irmãs de alma" que protagonizam o documentário.

- Advertisement -

Retalho Club
CUPOM DE DESCONTO
10% OFF
NA LOJA OFICIAL DA DC COMICS

AO FINALIZAR SUA COMPRA, DIGITE O CÓDIGO NO CAMPO CUPOM DE DESCONTO: **RETALHOCLUB**

WWW.LOJADCCOMICS.COM.BR

Últimas Notícias



Arrow | Cody Rhodes estará na quinta temporada da série
2 julho, 2016



Marvel | Anna Kendrick gostaria de interpretar uma surpreendente personagem no...



O filme te faz mergulhar na arte de forma imersiva e brinca com a edição das imagens criando às vezes um ambiente intimista com *takes* próximos aos entrevistados ou sensações nostálgicas com trechos grandes de apresentações das artistas, vídeos amadores de família, assim como entrevistas da época intercaladas a entrevistas atuais e a opinião das mesmas com relação aos fatos do passado apresentados, também usa bastante paisagens naturais com narrações em *off* para ilustrar alguns sentimentos, decisões e lembranças sobre elas e não segue uma estrutura linear, criando a sensação de que estamos no meio de uma conversa informal, inclusive ouvindo a reação do entrevistador, às vezes.

A trilha sonora do filme é repleta de músicas de **Luli** e **Lucinda**. Músicas que fizeram parte de suas carreiras, seja como influência ou como parceria, e o ápice musical do documentário é o momento em que as duas estão improvisando várias coisas sobre uma base de MPB no violão e que mostra o quanto aquilo era parte delas e quanto a música cria uma ligação entre as duas, que é algo raro de se ver atualmente e que como a própria Lull diz em uma parte do filme "Não fomos aceitas porque éramos cabeludas ruivas e bonitas, mas porque as pessoas *viam verdade no que fazemos*" e é essa verdade que é muito bem transmitida pelo diretor **Rafael Saar** e que faz com que pessoas leigas a respeito das duas se apaixonem por sua história e questionem o porque dessas duas não estarem hoje no panteão dos artistas brasileiros que hoje desfilam sobre a alcunha de celebridades.



A história de vida das duas nos faz olhar para a nossa história e pensar o quanto poderíamos mudar ou podemos mudar para termos uma vida melhor e mais saudável mentalmente e o quanto isso prejudicaria a vida profissional que temos. Algumas decisões tomadas pelas mesmas nos fazem refletir sobre as decisões que não tomamos por medo do que estaria por vir e o mais importante: o filme mostra o amor que as duas tinham pela arte, pela música, pelo batuque e como a música e suas histórias de vida as fizeram se separar, voltar, estourar, cair, perder dinheiro, ganhar dinheiro e por fim encontrar a paz juntas novamente fazendo o que nasceram para fazer: música.

Crítica escrita por Caio Gaona.

- Advertisement -

Retalho Club
CUPOM DE DESCONTO
10% OFF
NA LOJA OFICIAL DA DC COMICS

Atualizar sua compra, digite o código no campo CUPOM DE DESCONTO

www.LOJADCCOMICS.COM.BR

Últimas Notícias



Arrow | Cody Rhodes estará na quinta temporada da série
2 julho, 2016



Marvel | Anna Kendrick gostaria de interpretar uma surpreendente personagem no...
1 julho, 2016



Apple desenvolve software que desativa câmeras de celulares em locais não...
30 junho, 2016



Liga da Justiça | Ben Affleck comenta nova personalidade do Batman
30 junho, 2016



Bioshock: The Collection | Coletânea com os três jogos remasterizados é...
30 junho, 2016



Game of Thrones | Produtores da série dizem que restam apenas...
30 junho, 2016

RESENHAS E REVIEWS





Último Segundo

Brasil Econômico

Esporte

Gente

Delas

iGay

Deles

Entretenimento

Carros

Mais sites

Serviços

iG Mail



Se você esperava uma porta para o mercado tecnológico, sua vez chegou.

CADASTRE-SE GRATUITAMENTE

EXPO CENTER NORTE - SÃO PAULO/SP

Search

English site



São Paulo: Nublado 24°C | 19°C

Home

Na Cidade

Restaurantes

Bares

Cafés & Quitutes

Música

Arte

Cinema

Baladas

Teatro & Dança

Gay

Compras & Estilo

Esporte & Saúde

Viagem

Rio de Janeiro

Acontece

Hoje

Search

Explore

★ Recomendamos

GRÁTIS

Siga

Newsletter

RSS feed

Cinema RSS

Twitter

Facebook

Outras cidades Time

Out

42º Festival Sesc Melhores Filmes

6-27 Abr



Cena do filme 'A Que Horas Ela Volta?', de Anna Muylaert

Este evento terminou

Em sua 42ª edição, o Festival Sesc Melhores Filmes já virou uma tradição do Cinesesc. Conhecido desde 1974, o evento traz os filmes escolhidos como os melhores do ano passado nas categorias de melhor filme, documentário, ator, atriz, direção, roteiro e fotografia para os filmes brasileiros e melhor filme, direção, ator e atriz para os estrangeiros. São 47 ao todo (29 estrangeiros e 18 nacionais). A votação é feita pelo público e pela crítica especializada.

Entre os destaques, além de *Yorimatã*, de Rafael Saar, que abre a mostra, filmes como: *A Que Horas Ela Volta?*, de Anna Muylaert; *Mad Max: A Estrada da Fúria*, de George Miller; *O Sal da Terra*, de Juliano Ribeiro Salgado; *Mia Madre*, de Nanni Moretti; *Chico: Artista Brasileiro*, de Miguel Faria Jr.; *Ausência*, de Chico Teixeira, entre outros.



Discover Greece



You are here: [Home](#) / [Entrevista](#) / "O que conquista as pessoas que valorizam as liberdades individuais é o afeto, um amor vivido tão intensamente, assumido e expresso na música tão singular e belo de Luhli e Lucina", diz diretor do filme Yorimatã

"O que conquista as pessoas que valorizam as liberdades individuais é o afeto, um amor vivido tão intensamente, assumido e expresso na música tão singular e belo de Luhli e Lucina", diz diretor do filme Yorimatã

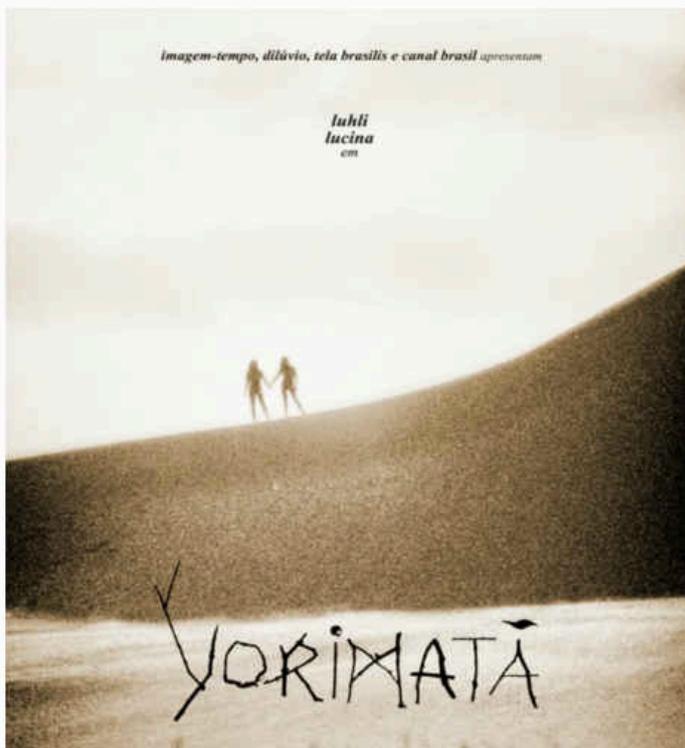
23 de março de 2016 Por [Cristina Judar](#)

Neste bate-papo exclusivo, [Rafael Saar](#), diretor do filme, dá detalhes sobre as filmagens do documentário que apresenta os múltiplos aspectos da produção artística e do amor vivido pelas cantoras e compositoras Luhli e Lucina



Assistir ao longa-metragem Yorimatã é uma experiência e tanto. Em primeiro lugar, pelo fato deste ser um trabalho que foge muito do formato comumente encontrado nos documentários musicais, sobretudo aqueles que apresentam uma fusão entre a vida e a obra de determinados artistas.

O diretor, [Rafael Saar](#) — um nome que dispensa apresentações para muitos que curtem e conhecem cinema no Brasil — alcançou um equilíbrio raro, o que tornou Yorimatã uma narrativa poética e sensorial, uma viagem de imagens, notas musicais e sentidos que enriquecem o público por intermédio de uma linguagem completa e original.



REVERSA NO SEU E-MAIL

Receba gratuitamente notícias exclusivas do Reversa Magazine na sua Caixa de Entrada. Para isso, preencha os campos abaixo:

QUERO RECEBER

* Seu e-mail está seguro conosco. Não enviamos SPAM!

CLIQUE NA IMAGEM E VEJA NÓS NO:

BuzzFeed
BRASIL

+ TEXTOS

+ Textos

Selecionar categoria

Espeto Mania



Mania de fazer churrasco



Saiba mais

PESQUISE DENTRO DO REVERSA



Com o filme Yorimatã, presença marcante em vários festivais de cinema do país e que, em breve, poderá ser assistido em cinemas de vários cantos do Brasil, temos a chance de conhecer os múltiplos aspectos da carreira e da intimidade das artistas, mulheres, mães, hippies e, sobretudo, grandes cantoras e compositoras da MPB: Luhli e Lucina.

Nessa entrevista exclusiva concedida ao Reversa Magazine, Rafael conta detalhes sobre o processo de filmagem, a relação com Luhli e Lucina, o resgate de filmagens raras, a receptividade do público e muito mais:

Reversa Magazine: Como surgiu a ideia de filmar Yorimatã?

Rafael Saar: Yorimatã surgiu na minha pesquisa para o filme *Olho Nu* (dir. Joel Pizzini) sobre o Ney Matogrosso. Tive esse primeiro contato com a obra de Luhli e Lucina, que estavam lá, desde os Secos e Molhados, em quase toda a discografia do Ney e, mesmo assim, eu não as conhecia. Fomos atrás delas para o *Olho Nu* e tive o impacto do encontro pessoal com as duas. A força da musicalidade atual de Luhli e de Lucina, a história pessoal singular e o olhar vivo de Luiz Fernando Borges da Fonseca, fotógrafo e companheiro delas, nos fez decidir fazer este filme. É uma história de amor necessária de ser contada e ouvida nos tempos que temos vivido.

Reversa Magazine: O filme é, na nossa opinião, um dos melhores documentários brasileiros da atualidade, especialmente por apresentar um equilíbrio delicado e sensível entre produção artística e vida pessoal de uma forma muito natural, orgânica. Você pode contar um pouco sobre como se deu o processo de produção e filmagem? Até que ponto essa naturalidade toda foi "pensada" ou surgiu como um resultado natural?

Rafael Saar: O maior desafio de realizar este filme foi buscar este equilíbrio entre a obra e a vida pessoal de Luhli e Lucina. Com mais de mil composições, tudo virou música para a dupla, então um caminho natural foi buscar contar a história através das canções que retratavam o cotidiano criativo, a integração com a natureza, a espiritualidade e o amor. O primeiro roteiro eu fiz junto com elas, escolhendo as locações, temas que abordaríamos, canções principais e pessoas fundamentais que pudessem dialogar com esta história. Talvez a naturalidade venha deste ponto de vista atual delas, algo que permeia todo o filme, de onde partem suas memórias para compor uma narrativa não-linear cronológica, e de uma estética que tenta buscar o olhar de dentro de Luiz Fernando e seus registros ali nas fotografias e filmes super 8mm e 16mm.

Reversa Magazine: Como foi o contato inicial tanto com Luhli quanto com Lucina? Duve alguma dificuldade para apresentar o projeto e convencê-las a participar?

Rafael Saar: Primeiro conheci Luhli, e, para o *Olho Nu*, filmamos seu show e uma entrevista no Rio. Fiz uma oficina de composição musical com ela e conversamos sobre filmá-la e fazer alguma coisa sobre os tambores que fabricava, mas eu ainda não conhecia a história. Daí fiz algumas filmagens pontuais com Luhli em Lumiã, lugar onde ela vive atualmente, na região serrana do Rio.

Em seguida, Lucina me convidou para filmar seu show com Zélia Duncan, fizemos algumas entrevistas e comecei a buscar imagens de arquivo, até que Lucina apareceu com alguns rolos super 8mm filmados pelo Luiz Fernando. Projetamos e ficamos impactados com a beleza das imagens, então decidimos fazer o filme sobre a dupla para mostrar estas imagens. A ideia de fazer um filme surgiu também em conjunto com elas, fiz questão que todo o processo tivesse essa participação de Luhli e de Lucina.

Mania de fazer churrasco



Saiba mais

PESQUISE DENTRO DO REVERSA

Search the site ...

REVERSAMAG.TV



PELAS REDES



REVERSA NO SPOTIFY

Into The Wild LP	
Reversa Magazine by Maria Reis	
1	Into The Wild LP 3:54
2	Barbarians Escort 3:15
3	Biscoito Mc Faceless, Mc Jout, Mc Diggs, Jout Jout 2:11
4	Alright Kinnie Starr 4:11
5	Vá Morar Com O Diabo Cássia Eller 2:58
6	Maresia - Ao Vivo Adriane Calcehotta 4:11
7	Freedom! '90 6:28

FAVORITOS DA REDAÇÃO



As vozes do arco-íris: 24 artistas brasileiros opinam contra a transfobia, homofobia, lesbofobia

Nossa primeira reportagem especial com

vân@s ... Saiba +



Desvendamos uma noite do Encontro com Propósito.

Reversa Magazine: Imagino que esse trabalho tenha exigido de você e de toda a equipe um verdadeiro mergulho na obra produzida pela dupla, inclusive a materiais inéditos. No documentário há cenas belíssimas, que parecem ser exclusivas ou pouco divulgadas. Você pode contar como foi esse processo de levantar imagens e cenas, áudios, etc? Ouve um trabalho de restauração para que esse material pudesse ser utilizado?

Rafael Saar: Eu tenho um interesse enorme por materiais de arquivo e no trabalho de pesquisa. Quando começamos o projeto, não havia material audiovisual algum da dupla na internet e previmos que o registro da arte independente não estaria televisionado, ou seja, não haveria praticamente nada nas televisões e acervos institucionais, com exceção de algum material das TVs públicas. Aos poucos, fomos encontrando com elas os filmes super 8mm, 16mm de Luiz Fernando, fitas VHS mofadas e muitas fotografias e áudios magnéticos e em fita cassete. Em paralelo, fizemos uma campanha virtual e recebemos de amigos e fãs muitos outros registros independentes. Digitalizamos e decupamos tudo num longo processo de montagem que foi, de fato, um mergulho criativo e espiritual na obra de Luhli e Lucina. Foi importante ver e rever e escolher o que de fato teria força na construção do filme, e, claro, muita coisa incrível ficou de fora.

Reversa Magazine: Em quanto tempo o documentário foi filmado?

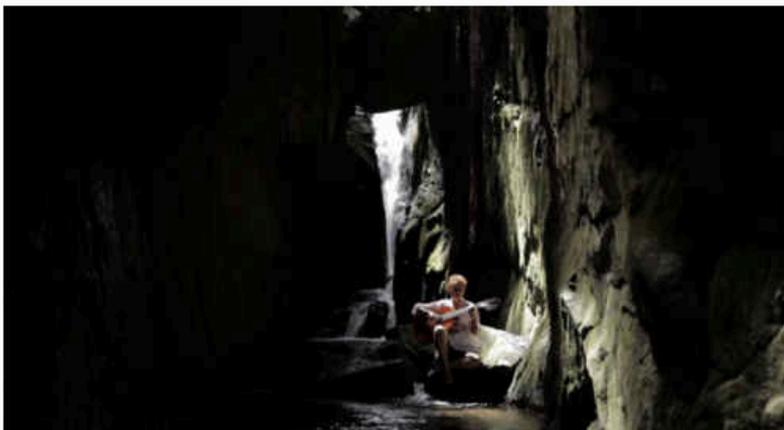
Rafael Saar: Começamos as filmagens em 2009 e terminamos em 2014. Até 2012, sem uma equipe fixa, foram filmagens mais pontuais em Lumiar e no Rio, de shows e entrevistas e, após sermos contemplados no edital Riofilme/Canal Brasil, pude realizar o roteiro e realizar o filme com a estrutura que precisava.

Reversa Magazine: Você gostaria de contar alguma curiosidade em relação às filmagens?



Rafael Saar: Nas filmagens decidimos fazer encontros musicais de Luhli e Lucina com outros artistas. Não queria fazer depoimentos referentes à dupla, mas criar novos diálogos e apresentações musicais. Deste modo, filmamos um material extenso que acabou ficando em sua maior parte de fora do resultado final, com conversas e muita música entre a dupla e Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Tetê Espíndola, Joyce, Alzira E, Decio Gíoielli, e pensamos em disponibilizar este material de alguma forma.

Reversa Magazine: Como você explica a receptividade que Yorimatã vem recebendo em festivais LGBTs (como o Mix Brasil, por exemplo) e junto à própria comunidade LGBT?



Saiba como é que funciona!

Invidimos um encontro que tem como objetivo além ... [Saiba +](#)



Por que você precisa ir a uma edição (no mínimo) da INNER multi.art

Tudo o que rolou na edição 2016 de uma balada que ... [Saiba +](#)



Literatura Lésbica: tudo o que você sempre quis saber (mas não tinha tido a oportunidade de perguntar)

Ana Luiza Libânio, Juliana Albuquerque e Diedra ...

[Saiba +](#)



Parada do Orgulho LGBT 2016: O dia que aprendemos que o fervero também é luta

Uma reflexão e 23 imagens sobre a Caminhada LGBT ... [Saiba](#)

+



Caminhada Lésbica e Bissexual 2016: Reportagem completa que você não vai ler em nenhum outro site

Ação foi marcada por protestos relacionados a

... [Saiba +](#)



16ª Feira LGBT traz prévia do que teremos no final de semana em São Paulo

Veja o que rolou em um dos eventos desse mês da ... [Saiba +](#)



Conheça o filme sul-coreano com cenas de sexo lésbico que causou frisson no Festival de Cannes

The Handmaiden já é um dos preferidos do público

e ... [Saiba +](#)

NOSSOS AMIGOS

[Abrat GLS \(Associação Brasileira de Turismo GLS\)](#)

[Cristina Judar](#)

[Eu Me Safo](#)

Rafael Saar: O filme teve uma participação grande em festivais de temática LGBT e acredito que isso tenha relação com essa força libertária que Luhli e Lucina impulsionam, em todos os sentidos. É interessante que em um momento que ainda se questiona o conceito de família, vemos em Yorimatã, 40 anos atrás, uma formação familiar diferente da tradicional e representada de forma tão natural, sem culpa.

Reversa Magazine: Embora no filme nada seja dito explicitamente, você acredita que o amor vivido por Luhli e Lucina, por ser tão evidente e verdadeiro, é um dos pontos que mais cativam as pessoas LGBTs?

Rafael Saar: O que conquista as pessoas que valorizam as liberdades individuais é o afeto, um amor vivido tão intensamente, assumido e expresso na música tão singular e belo de Luhli e Lucina, e na arte de Luiz Fernando, numa alquimia mágica e inspiradora.

Reversa Magazine: Da parte de Luhli e Lucina, ouve alguma resistência em deixar esse amor tão evidente no documentário ou elas mesmas lidaram com a exposição de sua relação com naturalidade?

Rafael Saar: Não houve resistência delas em relação à exposição da vida pessoal, mas uma preocupação sobre a forma de abordar essa história. Um tratamento mais sensacionalista poderia sobrepor seu relacionamento pessoal em detrimento de sua obra artística. A intenção foi equilibrar estas forças e fazer uma representação sensível, como elas mesmas fazem com o cotidiano em suas músicas.

Reversa Magazine: Como elas receberam o resultado final?



Rafael Saar: Fico muito feliz de poder tê-las como aliadas e satisfeitas com o resultado do filme. Elas acompanham cada etapa e, quando podem, principalmente Lucina, está presente nas sessões, recebendo a energia do público que nos emociona sempre.

Reversa Magazine: E o público brasileiro em geral, quando poderá assistir ao filme nos cinemas?

Rafael Saar: A partir de 7 de abril o filme estreia no circuito e estará em diversas cidades pelo Brasil. Fizemos uma campanha de financiamento coletivo bem sucedida para que conseguíssemos fazer a distribuição comercial e também estamos abertos a convites de sessões em cineclubes e universidades.

Reversa Magazine: Yorimatã participará de outros festivais?

Rafael Saar: Este ano ainda participaremos de alguns festivais. Nos próximos meses estaremos no Festival Internacional da Diversidade Sexual e de Gênero de Goiás (Digo), e no México no festival Contra el Silencio Todas las Voces.

Enquanto a obra não entra em cartaz, assista aqui ao trailer oficial do filme Yorimatã.



FESTIVAIS • NOTÍCIAS

Documentário musical abrirá Festival Sesc Melhores Filmes

18/03/2016 • 1 Comentário



por Revista PREVIEW

Na noite de 6 de abril, o CineSesc realiza a premiação dos escolhidos pela crítica e pelo público como os melhores longas de 2015 para filmes brasileiros e estrangeiros. A cerimônia marca a abertura do Festival Sesc Melhores Filmes, que traz de volta ao cinema, de 7 a 27 de abril, as produções mais votadas.

Após a entrega dos prêmios, será exibido o longa *Yorimatã* (2015), de Rafael Saar. O documentário retoma a história destas duas artistas de obra e vida incomum que marcaram o cenário musical brasileiro nas décadas de 70 e 80.

As cantoras e compositoras Luhl e Lucina vivem uma radical experimentação musical, tornando-se pioneiras no cenário da música independente no Brasil. Na vida pessoal, também há vanguarda: formaram um trisal junto ao fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca. O documentário traz depoimentos de Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Zélia Duncan e Tetê Espíndola.

O 42º Festival Sesc Melhores Filmes exibirá 47 filmes, 29 estrangeiros e 18 nacionais. O evento também acontece em mais catorze cidades de São Paulo. A itinerância do Festival ocorre de 3 a 31 de maio.



Digite sua busca aqui...



Publicidade



Publicidade



Siga-nos no Facebook



Você e outros 14 amigos curtiram isso



ESPECIAIS MEGA POSTER

EDIÇÃO NAS BANCAS | ASSINE!

Yorimatã



Ficha técnica

Nome: Yorimatã
Nome Original: Yorimatã
Cor filmagem: Colorida
Origem: Brasil
Ano de produção: 2014
Gênero: Documentário
Duração: 108 min
Classificação: 12 anos
Direção: Rafael Saar
Elenco:

Avaliação do leitor  1 votos [Vote aqui](#)

Locais de filmagem

• Brasil

Sinopse

Amigas e parosiras por mais de 20 anos, as cantoras e compositoras Luhli e Lucina são as personagens deste documentário, que recupera sua herança musical e seu comportamento libertário, na arte e na vida.

Nota Cineweb



Crítica Cineweb

31/03/2016

Dupla de cantoras, compositoras e instrumentistas que se tornaram pioneiras em vários sentidos nos anos 1970, Luhli e Lucina são as personagens retratadas com generosidade e franqueza no documentário **Yorimatã**, estreia em longas do diretor Rafael Saar.

Filhas da Bossa Nova, as duas se apaixonaram pela música ouvindo João Gilberto. Mas, ao longo de uma trajetória muito ampla e particular, foram se impregnando de inúmeras outras influências à disposição em sua época – movimento hippie, contracultura, feminismo, umbanda.

Como resultado, formaram uma dupla que compôs cerca de 800 composições – num tempo em que a assinatura feminina em letra e música era prática ainda rara –, confeccionando e tocando tambores em seus shows, coisa que também não era habitual em se tratando de uma dupla feminina. Também foram algumas das primeiras artistas a enveredar pelo atalho do disco independente (em 1979, álbum *Luhli e Lucina*).

Na vida pessoal, elas também não destoavam do tom geral de liberdade e transgressão. Moraram juntas num sítio em Filgueiras, Mangaratiba (RJ), dividindo o mesmo marido, o cineasta e fotógrafo Luis Fernando Borges da Fonseca – a quem se deve boa parte das fantásticas imagens em 8mm que retratam o cotidiano junto à natureza desta família anticonvencional, que criava seus filhos em comum, embalados pelo sentimento de que era normal ter duas mães e apenas um pai.

Enriquecido por essas imagens intimistas e também de shows, alguns antológicos, além de depoimentos de amigos e fãs – Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Joyce, Zélia Duncan e outros –, o filme compõe um retrato ao mesmo tempo emotivo e matizado de uma época em que, apesar da ditadura militar, houve quem, como elas, ousasse desafiar os padrões, o machismo, o moralismo e o domínio das gravadoras, sem medo de arriscar tudo, perder algumas batalhas e recomeçar.

O melhor de tudo é que o documentário nunca descuida da música que jorra das cenas, da melhor qualidade.

Neusa Barbosa

FILMES MAIS VISTOS



- 1 [Independence Day: O Ressurgimento](#)
- 2 [Como eu era antes de você](#)
- 3 [Invocação do Mal 2](#)
- 4 [As Tartarugas Ninja - Fora das sombras](#)
- 5 [Truque de mestre - O 2º ato](#)
- 6 [Mais Forte que o Mundo - A História de José Aldo](#)
- 7 [Alice através do espelho](#)
- 8 [Warcraft - O primeiro encontro de dois mundos](#)
- 9 [X-Men - Apocalipse](#)
- 10 [O Caselero](#)

Fonte: Filme B

BLOGS



Celulóide Digital

Réquiem para Ronit Elkabetz



Letras e fotogramas

Potere operaio no romance de Nanni Balestrini



A Viagem Imóvel

A Itália perde mais um mestre



Aneiras e Equívocos

PIPOCAMODERNA

PIPOCA MODERNA · FILMES · SÉRIES · CRÍTICAS · CLIPES · ETC.

Search...



CRÍTICA: YORIMATÃ RESGATA A CARREIRA MUSICAL DE LULI E LUCINA

8 DE ABRIL DE 2016 · CRÍTICAS / FILMES · ANTONIO CARLOS EGYPTO · LEAVE A COMMENT

"Yorimatã" é um documentário que procura recuperar a rica história musical da dupla de cantoras e compositoras Luli e Lucina, que esteve no centro dos acontecimentos da MPB, nas décadas de 1970 e 1980. Conviveu e trabalhou com grandes talentos desses períodos, mas, por razões diversas, sempre acabou se afastando da ribalta, sem poder colher os frutos de seus inegáveis méritos. Para viver o amor que pulsava entre elas, junto com a música. Para construir uma família a três, com o fotógrafo Luís Fernando Borges da Fonseca. Para viver uma vida hippie no mato, longe da cidade, em economia de subsistência, por opção ideológica. E, também, retornando às origens da natureza, quando um câncer acometeu Luís Fernando, para estar com ele na doença.

Com tantos percalços e opções viscerais ou radicais, a dupla não alcançou o sucesso que sempre esteve por perto. Mas tem muito o que mostrar, nas imagens recuperadas das filmagens em VHS e fotos que Luís Fernando registrou por longos anos. E nos depoimentos atuais delas, de Gilberto Gil, Zélia Duncan, Tetê Espíndola, Ney Matogrosso, Antonio Adolfo, Joyce e outros mais. Para quem não conhece, ou conhece pouco, o filme mostra as músicas e o universo cultural da produção delas muito bem.

O título "Yorimatã", segundo a dupla, é uma espécie de palavra mágica que significa "salve a criança da mata". Primeiro longa do diretor Rafael Saar, o filme venceu o festival In-Edit Brasil, dedicado a documentários musicais.



POST RECENTES



ISIS VALVERDE APARECE LOIRA NOS BASTIDORES DA CINEBIOGRAFIA DE WILSON SIMONAL

3 DE JULHO DE 2016
FILMES



AMERICAN GODS: GILLIAN ANDERSON DIVULGA PRIMEIRA FOTO DA NOVA SÉRIE SOBRENATURAL

3 DE JULHO DE 2016
SÉRIES



RICKY GERVAIS ESTRELA CLIBE MUSICAL COM SEU PERSONAGEM DA SÉRIE THE OFFICE

3 DE JULHO DE 2016
ETC.



THE GOOD PLACE: KRISTEN BELL VAI PARA O CÉU EM NOVO COMERCIAL DA SÉRIE DE COMÉDIA

3 DE JULHO DE 2016
SÉRIES



TIMELESS: VEJA O COMERCIAL DA NOVA SÉRIE SCI-FI DO CRIADOR DE SUPERNATURAL

3 DE JULHO DE 2016
SÉRIES



Inicial > Filmes em cartaz > Todos os filmes > Filmes de Experimental > Yorimatã > Yorimatã: Críticas AdoroCinema:

YORIMATÃ 2

- Sessões
- Videos
- Créditos
- Críticas dos usuários
- Críticas da imprensa
- Críticas do AdoroCinema
- Fotos

CRÍTICAS ADOROCINEMA



Yorimatã

Concerto místico por Bruno Carmelo

As cantoras [Luhli](#) e [Lucina](#) são vistas em uma fazenda, falando sobre música e sobre o amor. Elas aparecem tocando numa cachoeira, conversando num jardim, cantando para a paisagem. Suas músicas falam invariavelmente sobre a natureza, tema que conduz o modo de pensar deste dupla libertária e pacífica. Este é também o motor do próprio filme, que escolhe "Yorimatã" - espécie de palavra talismã - como o título.



Para retratar duas personalidades altamente ligadas ao mundo transcendental, o diretor [Rafael Saar](#) adotou um estilo igualmente contemplativo, associado ao mundo natural. As cenas de árvores e riachos se multiplicam na tela, algumas músicas são cantadas especificamente perto de árvores, e as gravações em 8mm, com efeitos sonoros e sobreposições, garantem o aspecto fantasmático, nostálgico, que representa o estilo da vida da dupla. Faz sentido que Luhli e Lucina sejam hippies assumidas e mantenham esse pensamento até hoje, mas o cinema contemporâneo, quando tenta se passar por uma obra dos anos 1960, assume inegavelmente um ranço saudosista. Especialmente para um filme dotado de estrutura tão

convencional.

Isso porque [Yorimatã](#) intercala depoimentos com material de arquivo e cenas de concertos, como se esperaria do documentário de duas músicas. A estrutura é simples, mas funcional: Saar entrega de maneira naturalista, sem jamais parecer didático, farto material sobre a época da ditadura, sobre o pioneirismo destas duas mulheres e sobre a desilusão pós-68. Os depoimentos de [Ney Matogrosso](#) e [Gilberto Gil](#) podem soar artificiais, porque ambos falam em presença de Luhli e Lucina, exagerando nos adjetivos, mas a escolha de músicos convidados contribui a relembrar a importância das personagens no cenário musical brasileiro.

O diretor e montador parece deslumbrado com a beleza do material e a doçura das vozes, de modo que preferiu incluir dezenas de canções, algumas delas em duração integral. O efeito desta escolha foi uma obra redundante, excessivamente longa. Às vezes, a edição precisa abrir mão de bons momentos para valorizar outros, mas o tom de homenagem impediu o distanciamento necessário para agenciar as imagens e o ritmo.

Mesmo assim, [Yorimatã](#) termina em saldo positivo, conseguindo mesclar as vidas privada e pública destas duas mulheres, explicando como sua ideologia não militante pode constituir um gesto político - até hoje, a noção de uma família composta por duas mulheres e um homem incomoda muitas mentes conservadoras. A sexualidade, a morte de uma pessoa próxima e a separação das duas é exposta com uma delicadeza ímpar, prova do tato de Saar com suas biografadas.



Tamãha admiração do diretor funciona como vantagem e desvantagem: ao mesmo tempo em que garante o olhar afetuosos, também impede uma mão firme na condução das imagens e no projeto estético geral. [Yorimatã](#) é tão impregnado de Luhli e Lucina que soa, de certo modo, controlado por elas.

Filme visto no 23º Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade, em novembro de 2015.

QUER VER MAIS CRÍTICAS?

- As últimas críticas do AdoroCinema



SIGA O ADOROCINEMA

NOSSAS ÚLTIMAS CRÍTICAS



3,5

Diretor: Andrew Stanton, Angus MacLane
Trailer:

Mostra: Mangaratiba, por exemplo. ➔ Xanaxou ➔ Panidrom ➔ | Mangaratiba

**Qual é a programação?**

A Fundação Mario Peixoto convida a todos para um final de semana com muita diversão e arte em Mangaratiba!

Na sexta-feira dia 1 de julho às 19h vamos exibir no jardim do Museu Municipal de Mangaratiba o documentário *Yorimatã* do diretor Rafael Saar. O longa-metragem conta a história de Luli e Lucina, duas mulheres em meio ao movimento hippie dos anos 70, que se unem pelo sonho de liberdade e vivem em seu cotidiano criativo, em uma comunidade alternativa em Mangaratiba, a experimentação musical radical e se tornam pioneiras no cenário independente brasileiro. Em seguida recebemos o diretor Rafael Saar e a compositora Lucina para uma conversa com o público.

Encerrando a noite teremos a apresentação da banda *Xanaxou*, formada a partir do encontro de doze compositoras, instrumentistas e intérpretes, a partir da necessidade natural de representatividade feminina no meio musical e a fim de desconstruir estigmas. *Xanaxou* aborda livremente várias representações femininas, do parto ao aborto, do casulo à expansão, da candura à fúria, do florescimento à morte, do punk ao mantra. O xou traz um repertório abrangente de músicas autorais permeadas por compositoras como Angela Roro, Luli e Lucina.

No sábado dia 2 de julho convidamos todos à Praça Robert Simões para assistir a peça teatral *PANIDROM*. Uma fábula que traz à cena a trajetória de nove personagens retirados de seus locais de origem por conta da construção de uma barragem e conduzidos por El Gran Perez Perez para uma terra nova. Com 10 atores, 5 músicos e 1 bicicleta, o espetáculo itinerante se desenvolve por ruas, praças e espaços da cidade.

A entrada é gratuita.

Quando?

1 de Julho de 2016, Sexta-feira, às 19:00h

Onde?

Mangaratiba - Centro
23860 Mangaratiba

**Compartilhar**

f Facebook

🐦 Twitter

📍 Google+

Organizador

Mangaratiba e Cultura, [Mangaratiba](#)

CURTA ESSA DICA

Magia musical

Nos anos 80, a dupla Luhl e Lucina foi ícone da liberdade e da criação musical. Documentário que estreia no fim de março resgata a fascinante história das cantoras e multi-instrumentistas

por Xandra Stefanel | publicado 14/03/2016 09:30, última modificação 15/03/2016 13:13

LUÍZ FERNANDO BORGES DA FONSECA



Cena do documentário Yorimatã

Luhl e Lucina traduziram a liberdade para a linguagem musical. Juntas, as cantoras e multi-instrumentistas fizeram mais 800 composições, que foram regravadas por importantes nomes da MPB, como Ney Matogrosso, Nana Caymmi, Tetê Espindola e Zélia Duncan, entre outros.

O documentário Yorimatã conta a fascinante história da dupla: da intensa conexão com a natureza e seus mistérios, a inspiração vinda da umbanda, a vivência hippie, a construção dos próprios instrumentos musicais e o preconceito que sofreram por terem formado, com o fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca, uma família considerada, na época, fora dos padrões.

Com previsão de estreia em 31 de março em São Paulo e no Rio de Janeiro, o filme de Rafael Saar resgata toda a magia e a coragem de duas talentosas mulheres à frente de seu tempo

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

03/07/2016
Dilma diz que fará reforma política e retomará direitos se voltar ao governo

03/07/2016
Manifestação de simpatizantes de Bolsonaro causa tumulto na Avenida Paulista

03/07/2016
Estudante LGBT é encontrado morto na UFRJ



NESTA EDIÇÃO

CAPA
A nova rede da legalidade

CIDADANIA
Contra o frio, os escorpiões e o descaso

MEMÓRIA
O disco do Chico

CURTA ESSA DICA
Magia musical

DIREITOS HUMANOS
Caminho com pedras

MAIS CULTURA

01/07/2016
Sesc Campo Limpo promove atividades de valorização da cultura nordestina

30/06/2016
Espetáculo itinerante faz safári pelos templos de consumo de São Paulo

30/06/2016
Caminhadas celebram obras de Drummond e Guimarães Rosa

29/06/2016



FM Cultura - 107.7

9 de junho às 10:09 · 🌐

👍 Curtir Página

NA TRILHA DA TELA COM DOCUMENTÁRIO SOBRE FUNDAMENTAL DUPLA DE CANTORAS E COMpositoras DA MPB

NA TRILHA DA TELA desta semana destaca as músicas do documentario YORIMATÃ reunidas no CD LUHLI E LUCINA- 25 ANOS. O disco de 1996 esta sendo relançado acompanhando a estreia nos cinemas do filme de RAFAEL SAAR sobre esta dupla que influenciou nao apenas a MPB mas o comportamento em sociedade entre os anos 1970 e 1980. Músicas como FALA, CHEIRO DE ROSA e CORAÇÃO APRISIONADO estao no programa e no filme que venceu o Festival EDIT- BRASIL 2015.///

NA TRILHA DA TELA, sabado (11/06), as 19h, com reprises nas terças-feiras a meia-noite.

Produção e apresentação, Jaqueline Chala.

<https://www.youtube.com/watch?v=Yc-RDFzgDlk>



trailer

Yorimatã - Trailer Oficial 2016 (subtitled)

(ENG subs) Duas mulheres em meio ao movimento hippie dos anos 70 se unem pelo sonho de liberdade. Luhli e Lucina vivem em uma comunidade alternativa a experi...

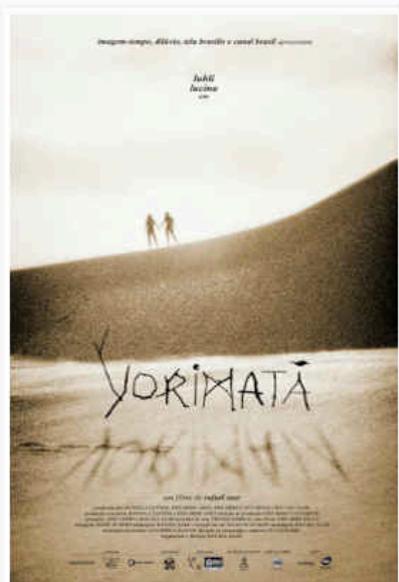
YOUTUBE.COM

Anti-Dicas de Cinema: o blog cinematográfico de André Kleinert

Boa parte de amigos e conhecidos costuma dizer que as minhas recomendações para filmes funcionam ao contrário: quando eu digo que o filme é bom é porque na realidade ele é uma bomba, e vice-versa. Aí a explicação para o nome do blog... A minha intenção nesse espaço é falar sobre qualquer tipo de filme: bons e ruins, novos ou antigos, blockbusters ou obscuridades. Cotações: 0 a 4 estrelas.

quinta-feira, junho 09, 2016

Yorimatã, de Rafael Saar ***1/2



Documentários sobre música virou uma prática mais que recorrente no cinema brasileiro contemporâneo. Praticamente todos os grandes nomes do cancioneiro nacional e os gêneros mais expressivos do país já mereceram um filme (alguns, até mais que um). Até mesmo a apreciação de tais obras, tanto por parte de público quanto de crítica, acaba recebendo uma abordagem diferenciada, pois mesmo quando a produção em si não é grande coisa, o fato de estar trazendo para a tela grande a arte e a vida de algum grande nome ou os meandros de um estilo muito estimado acaba tornando a experiência cinematográfica em questão algo no mínimo válido. Dentro desse panorama, "Yorimatã" (2014) se mostra como uma obra singular. Ao abordar a trajetória artística e pessoal da dupla de compositoras e cantoras Luhli e Lucina, o documentário do diretor Rafael Saar cumpre um papel multifacetado, afetando o espectador por diversos fatores – é informativo e didático por tornar mais conhecidos fatos relativos a artistas que são

obscuras para o grande público (apelar delas terem composto sucessos antológicos para os Secos e Molhados e para a carreira solo de Ney Matogrosso); é sensorialmente rico ao conseguir transformar em narrativa visual a musicalidade expansiva de suas biografadas; é pungente ao evidenciar a sensibilidade à flor-da-pele e o caráter libertário da arte e vida das protagonistas; é estimulante na sua dinâmica cinematográfica, ao combinar com concisão e leveza os elementos tradicionais desse tipo de produção (números musicais, imagens de arquivo, depoimentos e imagens contemporâneos). O resultado das acertadas escolhas estéticas e temáticas de Saar é um documentário de narrativa que encanta sem fazer perceber as horas passando e que dá uma baita vontade de ir atrás dos discos e canções de Luhli e Lucina. O que mais poderia se esperar de um documentário musical?

Postado por André Kleinert às 2:25 PM

Recomende isto no Google

Seguidores

Participar deste site
Google Friend Connect

Membros (32) [Mais »](#)



Já é um membro? [Fazer login](#)

Quem sou eu

André Kleinert

[Visualizar meu perfil completo](#)

Arquivo do blog

▼ 2016 (115)

► Julho (1)

▼ Junho (22)

As montanhas se separam, de Jia Zhang-Ke ***1/2

Uma nova amiga, de François Ozon ***

As mulheres de Adam, de Gerard Stembridge **1/2

Trago comigo, de Tata Amaral ***1/2

Independence Day: O ressurgimento, de Roland Emmer...

Doce veneno, de Jean-François Richet ***1/2

O tesouro, de Cornéliu Porumboiu ***1/2

Big Jato, de Cláudio Assis ***1/2

Prova de coragem, de Roberto Gervitz *1/2



7/jun/2016, 14h46min

“Yorimatã” e “Uma Noite em Sampa” continuam em cartaz no CineBancários

Compartilhar | Curtir 20 | Tweetar | G+1 0



Continua em cartaz no CineBancários os filmes “Yorimatã”, de Rafael Saar, que abriu o Festival Sesc Melhores Filmes 2016, e “Uma Noite em Sampa”, de Ugo Giorgetti. Os longa-metragens dividem a grade de horários da sala de cinema até o dia 15 de junho.

No dia 14 de junho, às 19h, será realizado a sessão especial gratuita de pré-estreia do filme “Trago Comigo” de Tata Amaral, com debate com a diretora e o ator Felipe Rocha após a exibição. Não haverá sessão às 19h do filme “Uma Noite em Sampa” neste dia.

YORIMATÃ

Eleito o Melhor Filme pelo júri e pelo público no Festival In-Edit Brasil em 2015, “Yorimatã” é o primeiro longa-metragem dirigido por Rafael Saar, e retoma a história destas duas artistas de obra e vida incógnita que marcaram o cenário musical brasileiro nas décadas de 70 e 80. Luhlil e Lucina não formam apenas uma dupla musical, formaram juntas também uma família ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca.

Ao mesclar preciosas e inéditas imagens de arquivo, com depoimentos de parceiros, intérpretes e registros cotidianos da vida atual de Luhlil e Lucina, “Yorimatã” devolve à dupla o seu lugar de direito como parte fundamental da história da música brasileira, e entre seus intérpretes estão artistas como Nana Caymmi, Tetê Espíndola, Zélia Duncan, Secos e Molhados; e especialmente Ney Matogrosso, que entre muitas outras canções da dupla gravou “bandoleiro”, “o vira” e “fala”.

Descrito pelo crítico Carlos Alberto Mattos como “um necessário manifesto anticonservadorismo”, “Yorimatã” foi também um dos 10 filmes mais votados pelo público na Mostra Internacional de Cinema SP, em 2014. O documentário é uma coprodução Imagem-Tempo, Dilúvio, Tela Brasília e Canal Brasil, com patrocínio da Riofilme, reunindo filmagens atuais com cenas, shows e depoimentos das artistas Luhlil e Lucina; registros e depoimentos de seus encontros musicais com Ney Matogrosso, Joyce Moreno, Gilberto Gil, Tetê Espíndola, Alzira Espíndola, Zélia Duncan, Antônio Adolfo, Luiz Carlos Sá, dentre outros; junto a um vasto material de arquivo recuperado para o projeto, que inclui filmes raros em super-8mm como shows e momentos familiares, registrados pelo companheiro Luiz Fernando Borges da Fonseca.

Descontos Sul21

Opinião Pública

ver todos

Uma data para lembrar o racismo como parte da exclusão social (por Jacques Távora Alfonsin)

O Boca-de-fogo x Temer (por Marino Boeira)

O “brexit” e a ameaça de novas tormentas (por Jeferson Miola)

Colunistas

ver todos

Selvino Heck



13 anos, 5 meses e 179 dias

IAB RS - Cidade e Cultura



Planos diretores precisam ter a abrangência de seus conteúdos amplificada?

Mogli Veiga



Milonga de andar leigos

Germano Rigotto



Todos perdem com a decisão do Reino Unido

Paulo Muzell



Ranços do conservadorismo

André Pereira



Os porto-alegrenses odeiam seu rio e suas bicicletas



Publicidade

COM ZH DIGITAL, VOCÊ FICA SEMPRE PERTO DA INFORMAÇÃO.

R\$ 9,90/mês

ASSINE

Sonho hippie

"Yorimatã" narra a história das compositoras Luhli e Lucina

Na vanguarda da contracultura brasileira nos anos 1970, a dupla compôs para nomes como Nana Caymmi, Ney Matogrosso e Secos & Molhados



Por: Roger Lerina

02/06/2016 - 16h00min | Atualizada em 03/06/2016 - 12h06min

Compartilhar



Foto: Luiz Fernando Borges da Fonseca / Divulgação

Em meio à riqueza de sotaques surgida na música brasileira na década de 1970, as vozes de Luhli e Lucina ganharam projeção graças à qualidade de seu trabalho e ao pioneirismo comportamental de suas intérpretes. Raríssima parceria estável entre compositoras, a dupla escreveu mais de 800 músicas – a maioria inéditas – e foi gravada por nomes como Nana Caymmi, Tetê e Alzira Espíndola, Joyce Moreno, Rolando Boldrim e Wanderléa. Amigo das compositoras, Ney Matogrosso já registrou diversas canções das duas, como *Bandoleiro*, *Coração Aprisionado*, *Êta Nós* e *Pedra de Rio*; já *O Vira e Fala*, clássicos dos Secos & Molhados, têm a assinatura de Luhli.

Publicidade

COM ZH DIGITAL, VOCÊ FICA SEMPRE PERTO DA INFORMAÇÃO.

R\$ 9,90/mês

ASSINE

NEWSLETTER ZH

Receba gratuitamente o melhor conteúdo de ZH no seu e-mail e mantenha-se sempre atualizado.

Seu e-mail

Enviar >

Siga ZH nas redes sociais



Like 2M

Publicidade

"My website is where poetry hits the page."

Joe Green
The Peasandcues Press

weebly

Try It Free

O MELHOR DA ZH

Eleito o melhor filme pelo júri e pelo público no Festival In-Edit Brasil em 2015, *Yorimatã* narra a história dessas aves raras da MPB. Primeiro longa dirigido por Rafael Saar, o documentário em cartaz no CineBancários destaca também o aspecto sociológico do duo: na vanguarda alternativa da contracultura que chegava ao país no começo dos anos 1970, Luhli e Lucina formaram uma família a três ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca – morto em 1990, vítima de um câncer – e desbundaram com o idílio da vida em comunidade hippie morando em um sítio no litoral do Rio.

[Filme brasileiro se inspira em Buñuel para narrar medos da classe média](#)
["Procurando Dory" pode ter o primeiro casal gay da Disney](#)
[Filme baseado em disco do The Who, "Quadrophenia" ganhará sequência](#)

Para além dos depoimentos atuais de artistas como Ney Matogrosso, Gilberto Gil e Zélia Duncan, o tesouro da produção está no acervo de imagens de arquivo, garimpado entre filmes domésticos de Luhli e Lucina e registros de apresentações. O material revela a singular sonoridade do duo – uma espécie de casamento entre a força percussiva dos tambores religiosos afro-brasileiros com influências melódicas da bossa nova, do folk, da música caipira e até do flamenco espanhol.

Mistura de iorubá com tupi-guarani, yorimatã significa "salve a criança da mata" – nome de uma canção de Luhli e Lucina, a palavra é utilizada por ambas como um tipo de chave para abrir caminhos. Um bom título também para esse documentário que apresenta para o grande público duas cantoras, compositoras, violonistas e percussionistas que misturaram arte, amor e sonho em uma obra musical única.

[Leia outras notícias sobre entretenimento em ZH](#)

YORIMATÃ

De Rafael Saar

Documentário, Brasil, 2014, 116min.

Em cartaz no CineBancários.

Cotação: 4



Reivindicado pelo EI

Número de mortos em atentado no Iraque sobe para 125

Gre-Nal da Zoeira

Gre-Nal da Zoeira: trator gremista e os outros memes do clássico



Desvios na Lei Rouanet

Detidos na Operação Boca livre são liberados em São Paulo



Operação Lava-Jato

OAS obteve obra de R\$ 1 bilhão com ajuda de Lula, diz jornal



Operação Saqueador

Carlinhos Cachoeira corre atrás de uma tornozeleira no Rio



FOTOS

FOTOS: grupo do Grêmio faz a festa no vestiário do Beira-Rio após vitória no clássico



Veja todos os destaques da ZH >





Jorlab [Follow](#)

Jornal-laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná.
May 13 · 2 min read

Yorimatã estreia na Cinemateca de Curitiba

Cultura hippie e música brasileira são retratadas no filme de Rafael Saar



Trechos do filme—Na foto, Luhli e Lucina, protagonistas do filme

Reportagem: Gabriela Wegner

O longa-metragem “Yorimatã” estreia nessa terça-feira (10), na Cinemateca de Curitiba. Dirigido por Rafael Saar e com personalidades como Ney Matogrosso, Tetê Espíndola e Zélia Duncan em seu elenco, o filme, lançado em 2014, conta a história de Luhli e Lucina, mulheres brasileiras que buscaram a liberdade no movimento hippie, em meados de 1970. Apesar da pouca fama, as protagonistas tiveram grande importância no cenário musical brasileiro, e escreveram sucessos como “O Vira”, de Secos e Molhados, e “Bandoleiro”, de Ney Matogrosso.

O filme permanecerá em cartaz entre os dias 10 e 18 de maio, sempre às 17 horas. O valor dos ingressos varia entre R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia).

No mesmo dia, entrará em cartaz, também na Cinemateca de Curitiba, o filme “Para A Minha Amada Morta”, dirigido por Aly Muritiba, que ficará em exibição até o dia 22 de maio.

Serviço

Yorimatã na Cinemateca de Curitiba

Data/ Horário: De 10/05/2016 a 18/05/2016—de terças à domingos, às 17 horas.

Local: Cinemateca de Curitiba (Rua Presidente Carlos Cavalcanti, 1174—São Francisco)



• Página Inicial

Veja Também

• Goiás Agora

• História

• Expediente

• Últimas Notícias

• Fotos

• Áudios

• Vídeos

• Contatos

Editorias

• Administração

• Agenda do Governador

• Agronegócio

• Balanço

• Cidadania

• Cidades

• Ciência e Tecnologia

• Comunicação

• Consumidor

• Cultura

• Economia

• Educação

• Entrevista

• Especial

• Especial Goiânia 80 anos

• Esporte e Lazer

• Executivo

• Fica

• Gestão

• Governo Junto de Você

• Habitação

• Infraestrutura

• Internacional

• Investimentos

• Justiça

• Legislativo

• Meio Ambiente

• Obras

• Promoção Social

• Rodovia

Cine Cultura recebe 1º Festival da Diversidade Sexual

Data de publicação: 12 de maio de 2016 - 16:04

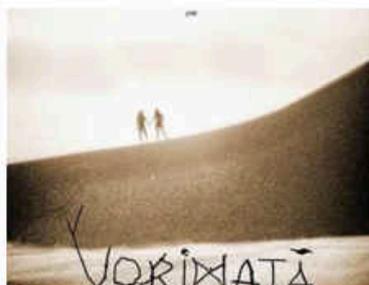
Recomendar 41 Curtir 41 +1 0 Tweet 0



O Cine Cultura sedia, desta sexta-feira, dia 13, a domingo, dia 15, o 1º Festival Internacional da Diversidade Sexual e de Gênero de Goiás (Digo). O evento traz uma ampla programação com exibição de filmes temáticos, mostras competitivas, palestras, lançamento de livros, shows, exposições, intervenções artísticas, entre outras atrações. A entrada é gratuita.

A programação será nos períodos da manhã, tarde e noite no Cine Cultura, em Goiânia, sendo que, no primeiro dia, sexta-feira, haverá atividades também no Centro de Referência Estadual da Igualdade – Crei.

Antes, porém, estreia no cinema, nesta quinta-feira, dia 12, o filme Yorimatã, do diretor Rafael Saar. A obra está inserida na programação do Digo, e será exibida nas sessões das 18h30 (seg/sex) e 17h30 (sáb/dom). Yorimatã é um documentário experimental e fala de duas mulheres que, em meio ao movimento hippie dos anos 70, se unem pelo sonho de liberdade e se tornam pioneiras no cenário independente brasileiro.



O Digo inicia-se na sexta-feira, dia 13, das 8 até às 16 horas, no Crei e no Cine Cultura, das 9 às 22 horas. No sábado e domingo, o Festival segue no Cine Cultura, sempre das 8 às 22 horas. No primeiro dia, o destaque será a palestra sobre transexualidade com a delegada Laura Castro e a oficina de Drag Queen ministrada pelo diretor teatral Eduardo de Souza, ambos no Crei.

Já no Cine Cultura, no período da tarde, ocorrerá a exibição dos longas: *Castanha*, do diretor Davi Pretto, e *Yorimatã*, de Rafael Saar. À noite, o público poderá conferir a exposição de gravuras do artista Helder Amorim, e às 20 horas haverá a mostra nacional competitiva.

No segundo dia, dia 14, pela manhã, mostra paralela com os filmes do *Outfest Peru e Asolo Art Film Festival*. À tarde, um bate-papo sobre Direito LGBTT, com a advogada Ana Cristyna e com representantes da Comissão da Diversidade Sexual da OAB. O lançamento do livro: *Cinema que ousa dizer seu nome*, do cineasta Lufe Steffen, após o mesmo participará do bate-papo *Literatura, Cinema e Diversidade Sexual*. Os longas: *Gazelle*, do diretor Cesar Terra Nova, e *A Volta da Paulicéia Desvairada*, do Lufe serão exibidos.

À noite terá a intervenção artística *Eu aceito*, uma exposição de desenhos do artista Marcos Branquinho, show com a cantora Eloá Nunes, mostra competitiva Internacional, e às 22 horas terá a exibição do filme *Nova Dubai*, do diretor Gustavo Vinagre (para maiores de 18 anos).

Para o último dia está programado pela manhã a mostra paralela *Anicurtas* e bate-papo sobre a produção audiovisual em Goiás. No período da tarde, será exibido o longa *Railé*, estrelado por Ney Matogrosso e dirigido por Helena Ignez. Em seguida, terá a leitura dramática: *Uma cama quebrada* e o lançamento do livro *Trilogia dos Desejos*, do escritor Roberto Muniz Dias. À noite; antes da divulgação dos vencedores e a entrega dos troféus, ocorrerá show musical com BabySom Sales e a performance Ney Matogrosso, com o artista Peninha.



PUBLICADO POR
MIGUEL ANUNÇÃO

POSTADO NO
2 DE MAIO DE 2016

PUBLICADO EM
UNCATEGORIZED

COMENTÁRIOS
1 COMENTÁRIO

TRANSGRESSIVO E INSPIRADOR



Rafael Saar

Quem perdeu a curta passagem de lançamento de "Yorimatã" pela cidade, não se permita mais o desprante de perdê-lo novamente: o documentário sobre vida e obra das cantoras e compositoras Luhli e Lucina retorna à Belo Horizonte nesta quarta, dia 4 de maio, para permanecer em cartaz até dia 11, somente no Cine 104.



Preciso dizer que é imperdível?

Para falar do seu longa, do dna transgressivo, libertário e inspirador dos temas que elege, dos personagens que destaca (até aqui, todos da MPB), do cinema que temos e do que merecemos ter, o blog estende o tapete a Rafael Saar. Óbvio,pretendi publicá-lo logo após à entrevista de Luís Capucho, como o emparelhamento de dois guerrilheiros, dois inquietos, dois devotos às artes que praticam. E porque pensam atinado, escrevem com teclas agudas, e eu prefiro estes caras aos preguiçosos, aos que se acomodam ao mercado.

Adianto que quem não ver "Yorimatã" desta vez, o que me parece um pecado, o filme estará entre os próximos dias 6 e 8 no Cine Arte UFF de Niterói (RJ), onde Saar estabeleceu residência. Avisado?

Para se fazer bom cinema, o que vale mais, uma boa escola ou inclinações pessoais mais adequadas ao veículo?

Os dois valem na mesma medida. Uma escola é fundamental para alguém como eu, que até o fim da adolescência, no interior do Rio de Janeiro, não tinha acesso ao cinema que não fosse o comercial e a TV. Descobri que se podia querer poder fazer cinema muito tarde, já na UFF, onde eu cursava Comunicação Social. Cinema era uma habilitação diferente da minha na faculdade e para onde fui assim que pude. Em Volta Redonda, minha cidade de origem, a cultura é completamente negligenciada, como acontece nas periferias das cidades grandes e em todo o interior. Nossa educação utiliza pouquíssimo as possibilidades da arte em sala de aula, não só as do audiovisual. Então eu pensava em ser engenheiro, médico, enfim, as profissões que lhe ensinam a seguir como padrão. Estou rodeando muito para responder, mas diferente do que vejo na maioria dos meus colegas do cinema, que têm famílias com grana ou são intelectuais que justamente vão moldar as tais inclinações individuais, minha formação veio na escola de cinema na UFF.

Vc ficaria à vontade para apontar filmes que lhe parecem de muita importância, mesmo que nunca sejam votados nas listas de melhores, ou se limitaria aos já conhecidos?

Dos filmes que penso sempre como os melhores posso citar alguns diretores como Leon Hirszman, Glauber, Pasolini, Roman Polanski, Bertolucci e Mário Peixoto. São os que estão sempre povoando minhas ideias e ideais.



Cena da curta-metragem "Depois de tudo"

Que temas lhe parece mais importante abordar no cinema de hoje?

Posso dizer que sempre busco e encontro grandes personagens que têm alguma relação com a transgressão. Considero muito importante a transgressão libertária.

Que importância vc reputa ao cinema mais dedicado à linguagem que às narrativas?

Talvez eu busque esse equilíbrio entre conteúdo e forma, apesar de às vezes sentir que priorize um ou outro, dependendo do filme. Meus últimos trabalhos têm sido mais dedicados às narrativas, aos personagens e à adaptação desses filmes, que são também biográficos, à linguagem deles. Talvez isso tenha ficado mais evidente no meu próximo filme, "Peixe", com o Luís Capucho, em que eu objetivamente queria que fosse mais uma obra do Capucho. Como seria um filme escrito e dirigido por ele ou, sendo mais específico, como seria o filme que eu imaginaria ele fazendo.



O fotógrafo Matheus Rocha com Luís Capucho em "Peixe"

Seu cinema parece ser feito com limites de recursos. Se vc tivesse muito dinheiro disponível, que espécie de filmes gostaria de assinar?

Certamente os mesmos filmes. Claro que com mais recursos eles seriam melhores, mais bem produzidos e finalizados, e mais visíveis. Mas ainda acho que tenho feito milagres com o pouco recurso. A verdade é que sempre, e talvez cada vez mais, poucas produtoras têm acesso a muitos recursos e as outras, muitas, têm que dividir as migalhas. E eu penso um cinema feito com migalhas, gosto muito de ser amador.

O Brasil está a que distância dos países onde o cinema encontra melhores condições de produção?

O cinema brasileiro segue maravilhoso e as condições de produção no Brasil estão péssimas. Falando de um ponto de vista de um realizador-não produtor, ou seja, limitado, nos últimos anos a Lei da TV Paga foi um grande avanço, trouxe mais recursos para o setor. Cada vez mais filmes e outros formatos audiovisuais são feitos, mais festivais e, de outro lado, menos público – reflexo de uma educação que não pensa a arte como mecanismo de aprendizado -, pouquíssimas políticas de formação de público, cineclubes, etc Os editais de fomento à produção são cada vez mais escassos e, aqui no Rio de Janeiro, temos um Estado que não faz editais desde 2012. O cinema fluminense está morto e os cariocas estão à mercê da Riofilme, que reflete a política de fomento ao cinema de lucro da Ancine. O documentário não tem mais espaço. Sobre distribuição e exibição, é outra história, triste e de muito mau gosto.

Se fosse possível escolher, onde vc gostaria de rodar seus próximos projetos?

Em quilombos e comunidades indígenas.

Quais são seus próximos projetos?

Terminei de filmar o "Peixe", com o Luís Capucho, e tenho ainda um projeto novo com a Maria Alcina, em parceria com o Canal Curta!, chamado "Sem Vergonha", e meu filme com a Baby do Brasil, "Apopcalipse segundo Baby". São três longas biográficos e musicais, sendo o "Peixe" um projeto híbrido, ficção-documentário. O "Peixe" talvez fique pronto primeiro, acredito que seja um filme bonito. Além do Capucho, tem Teuda Bara, Pedro Paz, Ney Matogrosso, Mery Alentejo, Maurício Lima, enfim um elenco foda. O "Apopcalipse", apesar de ser meu projeto mais antigo, é o maior, mais caro e o que eu ainda não consegui financiamento, o que vem dificultando muito o processo. Me parece importante também, para além da personalidade maravilhosa de Baby do Brasil, entender essa trajetória que a levou a se tornar pastora e este cenário atual das igrejas evangélicas. Vejo poucos conteúdos de qualidade sobre isso.



Baby do Brasil em "Apopcalipse segundo Baby"

Lhe parece interessante e animador (do ponto de vista de quem realiza e de quem é espectador) o cinema produzido hoje no Brasil?

O cinema produzido hoje no Brasil é maravilhosamente diverso e não o conheço totalmente. Me interessa muito o cinema de Helena Ignez, Joel Pizzini, Júlio Bressane, Ricardo Pretti, Carlos Nader, em um painel diverso, libertário e inspirador.

A propósito, algo lhe parece censurável no ambiente cinematográfico e/ou no meio artístico nacional?

Não sei se é isso que vc me pergunta, mas não imponho nenhuma censura ao cinema que faço e detesto a censura que as pessoas aplicam aos seus trabalhos. Geralmente vem de uma adequação ao mercado. No meu caso, a regra está invertida: prefiro que se adequem à minha proposta ou não faço questão.

Quais seriam suas maiores influências artísticas e quais estariam mais visíveis em seus trabalhos?

Os cineastas que citei acima são certamente influências fortes no que tenho feito. O Joel e Helena talvez sejam maiores, por ter trabalhado com ambos e conhecer e admirar suas filmografias bem de perto.

Já lhe ocorreu o desejo de experimentar outros temas e recursos de linguagens distantes dos que vc já experimentou?

Sempre em um novo trabalho busco experimentar algo diferente de tudo que fiz anteriormente. Gosto muito de variar, inclusive de equipe. O que mais tenho sentido vontade de experimentar é o ator, tive uma experiência forte no "Peixe", que deve se acentuar daqui para frente.

Vc diria que o Cinema Novo ainda serve de parâmetro ao cinema de hoje? em quais medidas?

O Cinema Novo trouxe uma obra extremamente popular, para o povo, sendo na mesma medida inteligente e incisiva. O que vejo como cinema para o povo hoje é limitado demais, preguiçoso e antipopular. Acredito que digerimos pouco a brasilidade e ideias do Cinema Novo, permanecemos ainda muito ligados ao cinema estrangeiro como parâmetro estético.

Se vc não fizesse cinema, em que outra área gostaria de atuar e por que?

Gostaria de ter o talento musical. Mas não é o caso...



Luhli & Lucina em registro de Luiz Fernando Borges da Fonseca

Por que documentar vida e obra das cantoras e compositoras Luhli e Lucina?

Luhli e Lucina representam o que mais identifico como libertário em nossa música popular brasileira. Quando tive o primeiro contato com a obra fabulosa delas, através do Ney Matogrosso, não conhecia sua história. Aos poucos, no processo do filme, fui descobrindo. Então, posso dizer que o primeiro impulso de realizar "Yorimatã" vem de querer mostrar a obra musical singular de Luhli e de Lucina. Logo conheci as imagens feitas por Luiz Fernando, companheiro delas, fotógrafo incrível, que documentou em super 8mm e 16mm a vida dos três e da família, em uma comunidade alternativa. As imagens lindas fizeram com que eu, Lucina e Luhli tivéssemos certeza de que deveríamos mostrar aquilo. Então fizemos "Yorimatã", entre 2009 e 2014, revelando duas personagens que a história oficial da MPB tratou de ocultar. São as primeiras mulheres a fazer um disco independente no Brasil, têm uma obra de mais de 800 canções, uma musicalidade única de violões alados e tambores que só Luhli e Lucina.

O que haveria na trajetória das duas de mais recorrente em outras carreiras artísticas no país?

Luhli e Lucina são da geração de compositoras mulheres que diferem das grandes intérpretes de músicas feitas por homens. Como Joyce, Angela Ro Ro, Sueli Costa, elas decidem cantar e escrever sobre o feminino, porém não aceitam nenhuma concessão às gravadoras que dominavam o mercado na década de 70. Com uma carreira solo prévia à dupla – de decepções com as gravadoras e uma obra gigantesca, belíssima, moderna e variada, de músicas infantis, latinas, rocks, pontos de umbanda -, elas não se encaixam no esperado e gravam seu primeiro LP de forma totalmente independente, depois de anos isoladas no litoral de Mangaratiba, no Rio. Paralela ao caminho artístico da dupla, a vida alternativa às claras com Luiz Fernando vai além das ideias de amor livre do movimento hippie e é vivida intensamente até o fim, tudo contado nas músicas. Enfim, as frentes transgressoras são tantas e tão atuais que a autenticidade e coragem de Luhli e Lucina são inspiradoras.



O que vc julga de mais defensável, de mais recomendável em Yorimatã?

Estamos neste momento de nojo político, de falta de representatividade, de golpe sobre os golpes, de carece e crescimento de movimentos de ódio e opressão. É fundamental uma história verdadeira como esta, de vida alternativa, avessa à formação tradicional de família, de outras possibilidades do amor, da libertação pela arte, de luta contra a opressão da mulher, da diversidade sexual, das religiões afro. Talvez este contexto esteja fazendo "Yorimatã" emocionar tanta gente e trazer um retorno e me fez ter certeza do meu caminho neste momento.

Por que a música é um objeto tão central, essencial do seu cinema?

A música tem sido essencial e tema dos meus trabalhos, mas não uma regra. Quero percorrer outros caminhos, mas tem a ver comigo uma personalidade musical. Ouço muita música brasileira, sempre, e invejo um pouco o músico que consegue ser mais livre, experimental e independente que um cineasta, a grosso modo. Esse lance do trabalho com poesia, os ritmos, a singularidade da apresentação ao vivo, as parceiras musicais, os trabalhos solo. Enfim, o cinema é mais engessado em modelos em todos os níveis.



Hermeto Pascoal e Tetê Espíndola em "Crisálida" – direção em parceria com Thiago Brito

Vc supõe para onde o cinema possa avançar, em termos de tecnologia e/ou conteúdo?

A força que vem do sistema quer empurrar o cinema de arte para as telas pequenas, as TVs, VODs, computadores, celulares. As salas de cinema são e serão dos filmes americanóides e brasileiros globais. Os avanços devem vir em mais salas de cinema digitais populares e públicas espalhadas pelo interior do país e pelas periferias.

Quais aspectos da crise política brasileira atual lhe parecem merecer um longa-metragem ou este filme já foi feito?

A crise política atual está em todos os filmes brasileiros. É a crise do ser humano e do capitalismo. Vejo e quero um cinema de respeito aos povos afros e indígenas, às diversas espiritualidades, minorias oprimidas, os LGBTQs, as mulheres, os artistas independentes, do amor à natureza.

Li alguém lhe chamar de 'geniozinho' numa rede social. Sendo imodesto, em que medida o elogio não é exagero?

É exagero... Sou mediano, produzo muito e gosto de terminar o que começo.

Um resumo da obra até 2014



[Yorimatã](#)

Página do filme

facebook.com/yorimatafilme

Site do filme

www.lulielucina.com.br (é possível ouvir toda a discografia da dupla)

HOME
PROGRAMAÇÃO
BIBLIOTECA 104
CINE 104
O CENTOEQUATRO
O PRÉDIO
OCUPE
PATROCINE
BLOG

FILTRAR POR DATA

COMO CHEGAR

Praça Ruy Barbosa, 104 | Centro
Belo Horizonte | MG | 30.160-000
Telefone: (31) 3222-6457
contato@centoequatro.org

Funcionamento:
Café 104, Cine 104 e espaços multiuso: consulte
a programação

Acesso para deficientes

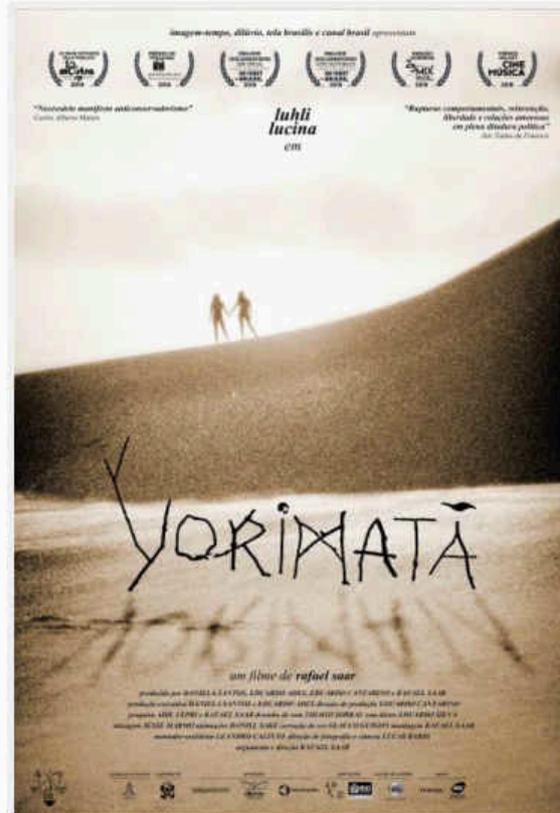
AGENDA

04 MAI
11 MAI

CINEMA

Yorimatã

* Melhor filme – júri oficial e júri popular – 7º Festival Internacional do Documentário Musical, In-Edit Brasil



Direção – Rafael Saar
Brasil/ RJ, 2014, 116 min

—04 a 11 de Maio de 2016
(exceto segunda, dia 09 de Maio)
Horário: 16h30
Entrada R\$ 12 / R\$ 6 (meia entrada)

Com Luhli, Lucina, Luiz Fernando Borges da Fonseca, Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Itamar Assumpção, Secos & Molhados, Tetê Espíndola, Zélia Duncan e muitos outros nomes da música brasileira.

Sinopse – Luhli e Lucina são duas mulheres brasileiras que buscam liberdade no movimento hippie, nos anos 1970. Elas desenvolvem composições musicais experimentando instrumentos e são pioneiras da música independente brasileira. Luhli e Lucina vivem um

relacionamento a três com o fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca, que registra a vida deles em filmes 8mm.

Classificação indicativa – 10 anos





PUBLICIDADE

POSTS RECENTES

UMA MÁQUINA DE LAVAR ROUPAS ATIVADA COM O PÉ

02.07.16

BARACK OBAMA TENTA LISTAR TODAS AS MORTES DE GAME OF THRONES

02.07.16

O INSTINTO QUE DIFERENCIA UM EMPREENDEDOR

02.07.16

MICRÓBIO E GASOLINA, UM FILME PARA COLOCAR NA LISTINHA

01.07.16

MINHA BELEZA, MEUS PRÓPRIOS TERMOS

01.07.16

PUBLICIDADE



Leonardo Amaral



11.04.16



3 comentários



1,242 Views



3 Min para ler



Compartilhe!

DOCUMENTÁRIO • MÚSICA

YORIMATÃ - MÚSICA BRASILEIRA E AMOR, MUITO AMOR

11.04.16 • Leonardo Amaral • 1,242 Views • 3 Min para ler

870 SHARES

f FACEBOOK

t TWITTER

Luhli e Lucina fizeram parte do furacão que foi a música brasileira nos anos 70, mas você provavelmente não ouviu falar delas.

Luhli e Lucina fizeram parte da criatividade efervescente e experimental que explodia no Lira Paulistana, mas você provavelmente também não ouviu falar delas daí.

Com uma trajetória musical fora de sério, as duas sempre estiveram a um passo de estourar, se é que não estouraram diversas vezes, quem não conhece "O Vira"?



Mas, antes do poder da música, elas seguiam um poder um tanto mais sutil e, por mais que lhe façam pensar o contrário, mais subversivo e transgressor: o poder do amor.

Pra longe do ideal hippie de viver apenas do amor, pra longe dos neo-hippies que recusam a vida urbana e pregam o amor livre que nem sempre consegue se desvencilhar das estruturas amorosas tradicionais, Luhli e Lucina viveram sua VERDADE.

Verdade essa que incluiu fugir e ir morar em um sítio no meio do mato nas duas vezes em que sua carreira musical estava entrando nos grandes holofotes. Por Amor, sempre.

Verdade essa que incluiu assumirem um casamento a três, com o fotógrafo Luiz Fernando Borges, que já era casado havia 7 anos com Luhli quando de repente essa união se mostrou mais forte do que as amarras sociais.

Verdade essa que sobreviveu, sim, à dureza que era morar no meio do mato com pouco dinheiro e várias crianças, com muito mais trabalho doméstico do que as fantasias escapistas costumam levar em conta.

E tudo isso, tudo isso MESMO, sempre ao lado da música. A música flui entre, por e da dupla, como se além de luz, a melodia também por elas era absorvida e refletida.

Em tempos de tanto ódio, desde as questões LGBT até as questões políticas do nosso Brasil, um documentário que mostra tanto amor, tanta vida, tanta Verdade (com V maiúsculo sim, pois longe de ser uma verdade universal, é a Verdade subjetiva de cada uma das pessoas envolvidas, sempre respeitando o outro e a si mesmos).

Yorimatã é o seu nome. E se você tem vontade de entender um pouco mais do melhor da música brasileira, vale a pena assistir.

E se você sonha em um dia estar livre de toda a carga que colocam em seus ombros pra seguir a direção da Verdade que faz sentido pra você, vale a pena assistir.

870
SHARES

f FACEBOOK

🐦 TWITTER

Tags

hippie

lucina

luhli

música brasileira

música experimental

ney matogrosso

ONAROS

“YORIMATÃ” REVIVE A BELA UTOPIA ALTERNATIVA DOS 70.



Por Celso Sabadin.

Grande vencedor do Festival In-Edit Brasil 2015, onde ganhou os prêmios de Melhor Filme tanto pelo júri oficial como pelo público, “Yorimatã” é bem mais que um documentário musical. Ele é uma história de vida.

Com direção do estreador em longas Rafael Saar, o filme traça um panorama histórico-musical da dupla de cantoras e compositoras Luhli e Lucina, nomes marcantes do cenário musical alternativo brasileiro dos anos 70 e 80. Alternativo. Talvez seja esta a palavra condutora não só do filme como, principalmente, da maneira de viver muito especial da dupla.

Era uma época de transições. Se, por um lado, a contracultura dos anos 60 já dava sinais que estava sendo absorvida pelas forças destrutivas do mercado, por outro lado o cinismo monetarizado que marcaria os 80 ainda não havia se instalado definitivamente na vida social, artística e musical do Brasil. Restavam ainda alguns espaços de conquista alternativa, espaços estes que Luhli e Lucina decidiram ocupar com feroz determinação pacífica.

É marcante, no filme, o relato do momento em que a dupla é informada que, inadvertidamente, foi contratada por determinada gravadora com a única finalidade de ser colocada na “geladeira” do mundo musical. A estratégia era tirá-las do caminho dos “Novos Baianos”, que haviam assinado com a mesma empresa. Foi a gota. Luhli e Lucina decidiram jogar tudo para o alto para criar uma pequena, verdadeira e revolucionária sociedade alternativa, ao lado do fotógrafo Luiz Fernando Borges da Fonseca, marido das duas. Como? O filme explica.

Dividir suas vidas com um fotógrafo fez com que esta trajetória de sons, sentimentos e imagens dos três ganhasse farta documentação. É no mínimo preciosa a quantidade e a qualidade de material de arquivo que o longa traz, não apenas de shows da dupla, como principalmente de ternos registros desta nada ortodoxa vida em comum.

“Yorimatã” também acerta em cheio ao não se render à regra não escrita do mercado exibidor que documentário deve ser curto. As suas quase duas horas de projeção são necessárias e muito bem-vindas para que o filme possa brindar o público não somente com trechos da vasta, belíssima (e pouco conhecida do grande público) obra da dupla, como também com algumas de suas canções saboreadas na íntegra, deliciosamente sem pressa, sem a ansiedade dos cortes rápidos da linguagem televisiva. “Yorimatã” é puro cinema.

Com direito a registros e depoimentos com Ney Matogrosso, Joyce Moreno, Gilberto Gil, Tetê Espíndola, Alzira Espíndola, Zélia Duncan, Antonio Adolfo e Luiz Carlos Sá, entre outros.



Para procurar, digite o texto e aperte enter

Parceiros



Facebook do Planeta Tela





Yorimatã - Rafael Saar [AGENDA]



Agenda

 Inscrever-se 1.946

45 visualizações

 Adicionar a  Compartilhar  Mais

 2  0

Publicado em 19 de abr de 2016

Facebook: <https://facebook.com/programaagenda>

Documentário "Yorimatã", de Rafael Saar retrata a trajetória, dentro e fora dos palcos, de Luhli e Lucinha, contando com depoimentos de nomes como Ney Matogrosso e Gilberto Gil.

Exibido em: 18/04/2016

Categoria

[Entretenimento](#)

Licença

Licença padrão do YouTube



Saiba mais >

CINEJORNAL

10/05/2016

Festival Sesc Melhores Filmes entrega prêmios às melhores produções brasileiras de 2015

O filme "Que Horas Ela Volta?" foi o grande vencedor da noite e levou nove prêmios. O evento também contou com a pré-estreia do filme "Yorimatã", uma coprodução do Canal Brasil.



vídeos relacionados

-  CINEJORNAL Entrevista com Rodrigo Leão 03:23
-  CINEJORNAL Entrevista com Claudia Ohana 15:24
-  CINEJORNAL Entrevista especial com Jorge Furtado 12:28
-  CINEJORNAL Pré-estreia longa-metragem Nise da Lusa 06:18





Metrópolis | 07/04/2016



Metrópolis

[Inscrever-se](#) 11.504

412 visualizações

[+](#) Adicionar a [Compartilhar](#) [...](#) Mais

[👍](#) 4 [👎](#) 0

Transmitido ao vivo em 7 de abr de 2016

Documentário mostra em 3D a destruição e o descaso do "Rio de Lama" em Minas Gerais. Uma programação pra cinéfilo nenhum botar defeito. Uma viagem pelo incrível repertório de Gilberto Gil. E a presença de Joana Flor!

Categoria [Entretenimento](#)
Licença [Licença padrão do YouTube](#)
Vídeos de origem [Visualizar atribuições](#)

MOSTRAR MENOS



LUCINA
CANTORA E COMPOSITORA

0:13 / 2:11



cleaned by Adblock for Youtube™ [Share](#)

LANCE ALTERNATIVO - Yorimatã



CineSesc

[Inscrever-se](#) 560

90 visualizações

[+](#) Adicionar a [Compartilhar](#) [...](#) Mais

[👍](#) 2 [👎](#) 0

Publicado em 8 de abr de 2016

Yorimatã, documentário de Rafael Saar que retrata a parceria, musical e íntima, das compositoras Luhli e Lucina foi o filme de abertura do 42º Festival Sesc Melhores Filmes!

[MOSTRAR MAIS](#)



Um café lá em casa com Lucina e Nelson Faria



UM CAFÉ LÁ EM CASA

✓ Inscrito 13.687

1.606 visualizações

+ Adicionar a Compartilhar ... Mais

👍 71 🗨️ 0

Publicado em 10 de mar de 2016

Venha fazer esse café com a gente e tenha benefícios exclusivos do clube de assinantes:

<http://recorrente.benfeitoria.com/umc...>

Com mais de 800 músicas compostas em parceria, Lucina assina títulos como Bandoleiro, Coração Aprisionado, O Vira, entre tantos outros sucessos. Tendo suas canções interpretadas por grandes nomes como Ney Matogrosso, Zélia Duncan e Nana Caymmi, a compositora nos contou um pouco da sua história e de suas memórias musicais. Quer conhecer? Então não perca "Um café lá em casa" com Lucina!

*

No programa UM CAFÉ LÁ EM CASA, Nelson Faria recebe amigos artistas em um bate papo sobre vida, carreira e, claro, muita música. O café entra para acompanhar a conversa no ambiente de charme e aconchego da cozinha da casa do apresentador. De forma íntima e descontraída, é o momento ideal para tocar, cantar e compartilhar histórias.

Conheça nossa Fanpage no Facebook:

<https://www.facebook.com/umcafelaemcasa>

imagem-tempo, dilúvio, tela brasilis e canal brasil apresentam



“Necessário manifesto anticonservadorismo”
Carlos Alberto Mattos

luhli
lucina
em

“Rupturas comportamentais, reinvenção,
liberdade e relações amorosas
em plena ditadura política”
Jair Tadeu da Fonseca

TICÚN BRASIL PRESENTS NEW YORK CACHAÇA CINEMA CLUB

APRIL 20TH | 6:30PM | \$15/\$10
BRAZILIAN ENDOWMENT FOR THE ARTS
240 E 52ND ST | MANHATTAN

U.S. PREMIERE (BRAZIL, 2014)

YORIMATÄ

um filme de rafael saar

produzido por DANIELA SANTOS, EDUARDO ADES, EDUARDO CANTARINO e RAFAEL SAAR
produção executiva DANIELA SANTOS e EDUARDO ADES direção de produção EDUARDO CANTARINO
pesquisa ADIL LEPRI e RAFAEL SAAR desenho de som THIAGO SOBRAL som direto EDUARDO SILVA
mixagem JESSE MARMO animações DANIEL SAKÉ correção de cor GLAUCO GUIGON montagem RAFAEL SAAR
montador-assistente LEANDRO CALIXTO direção de fotografia e câmera LUCAS BARBI
argumento e direção RAFAEL SAAR

